Pirandello

Seis Personagens à Procura de um Autor

AS PERSONAGENS DA COMÉDIA POR FAZER

O PAI
A MÃE
A ENTEADA
O FILHO
O RAPAZINHO
A MENINA (estas duas últimas personagens não falam)
MADAMA PACE (depois, evocada)

OS ATORES DA COMPANHIA

O DIRETOR-ENSAIADOR
A PRIMEIRA ATRIZ
O PRIMEIRO ATOR
A SEGUNDA ATRIZ
A INGÊNUA
O GALÃ
OUTROS ATORES E ATRIZES
O ASSISTENTE
O CONTRA-REGRA
O MAQUINISTA
O SECRETÁRIO DO DIRETOR
O PORTEIRO DO TEATRO
OUTROS EMPREGADOS DO PALCO

De dia, no palco de um teatro de comédia.

NOTA — A comédia não tem atos nem cenas. A representação só será interrompida, uma primeira vez, sem que desça o pano, quando o Diretor e a Personagem principal se retirarem para combinar o roteiro da peça e os Atores deixarem o palco; uma segunda vez, quando o Maquinista, por engano, fizer o pano descer.

O público, ao entrar, encontrará o pano levantado e o palco sem bastidores nem cenário, tal qual é durante o dia, quase escuro e vazio, para dar, desde o começo, a impressão de um espetáculo não preparado.

Duas escadinhas, uma à direita e outra à esquerda, põem o palco em comunicação com a sala.

No palco, a caixa do ponto, colocada ao lado da abertura. Do outro lado, na parte baixa, uma mesinha e uma poltrona, de costas para a platéia, na qual se sentará o Diretor da companhia.

Outras duas mesinhas, uma pouco maior do que a outra, com cadeiras em volta, postas na baixa, prontas para serem utilizadas no ensaio, quando necessárias. Outras cadeiras espalhadas à direita e à esquerda, para os Atores. Ao fundo, de um lado, quase escondido, um piano.

Apagada a platéia, vê-se o Maquinista entrar pela porta do palco, de macacão azul e com o saco de ferramentas à cin-

tura. Apanha alguns sarrafos, num canto do fundo, levando-os para a baixa e pondo-se a pregá-los, ajoelhado no chão. Ao barulho das marteladas, entra, apressado, pela porta dos camarins, o Assistente de direção.

O ASSISTENTE
Eh, você aí, que está fazendo?...

O MAQUINISTA
Martelando.

O ASSISTENTE
A esta hora? *(Olha o relógio)* Já são dez e meia. Daqui a pouco chega o Diretor para o ensaio.

O MAQUINISTA
Mas eu também preciso de tempo para trabalhar.

O ASSISTENTE
Você vai ter, mas não agora.

O MAQUINISTA
Quando?...

O ASSISTENTE
Quando não for mais hora de ensaio. Vamos, vamos, leve embora tudo isso, e deixe-me arrumar a cena para o segundo ato de *A Cada Qual Seu Papel.*

(O Maquinista, indignado, resmungando, pega os sarrafos e vai embora. Entretanto, começam a entrar os Atores da

companhia, homens e mulheres, pela porta do palco; primeiro um, depois outro, mais dois, juntos, como quiserem; nove ou dez, quantos se supõe serem necessários para o ensaio da comédia. Entram, cumprimentam o Assistente e uns aos outros, dando-se bons-dias. Alguns irão para os camarins, outros, entre os quais o Ponto, que tem o texto enrolado debaixo do braço, ficam no palco, à espera do Diretor, para começar o ensaio, sentados em grupos ou de pé, conversando entre si. Um acende um cigarro, outro se lamenta por causa do papel que lhe foi distribuído, um terceiro lê para os colegas, em voz alta, notícias de um jornalzinho teatral. Será conveniente que, tanto as Atrizes como os Atores, estejam vestidos com roupas claras e alegres, e que esta primeira cena improvisada tenha, na sua naturalidade, muita vida e movimento. Num dado instante, um dos Atores senta-se ao piano e toca um trecho da dança; os Atores e Atrizes mais jovens começam a dançar.)

O ASSISTENTE *(batendo palmas para chamá-los à ordem)*
Vamos, vamos, parem com isso. O Diretor vem aí!

(O piano e a dança param repentinamente. Os atores ficam a olhar para a platéia, por cuja porta entra o Diretor que, de chapéu coco na cabeça, bengala debaixo

do braço e um charutão na boca, desce pelo corredor entre as poltronas, cumprimentado pelos Atores, sobe ao palco por uma das escadinhas. O Secretário entrega-lhe a correspondência: alguns jornais, um texto enfaixado.)

O DIRETOR
Cartas?...

O SECRETÁRIO
Nenhuma. Toda a correspondência está aí.

O DIRETOR *(entregando-lhe o texto enfaixado)*
Ponha-o no meu camarim. *(Olhando em volta e dirigindo-se ao Assistente)* Oh! Não se vê nada. Por favor, mande acender um pouco de luz.

O ASSISTENTE
Pois não. *(Sai para dar a ordem.)*

(Pouco depois o palco se iluminará, em todo o lado direito, onde estão os Atores, com uma viva luz branca. Entretanto, o Ponto entrou na sua abertura, acendeu a lampadazinha e abriu o texto diante de si.)

O DIRETOR *(batendo palmas)*
Vamos, vamos, comecemos. *(Ao Assistente)* Falta alguém?...

O ASSISTENTE
Falta a Primeira Atriz.

O DIRETOR
Como sempre! *(Olha o relógio.)* Já estamos atrasados dez minutos! Faça o favor de pô-la na tabela, assim aprenderá a ser pontual nos ensaios.

(Mal acaba de falar, e, da porta do fundo da platéia, se ouve a voz da Primeira Atriz.)

A PRIMEIRA ATRIZ
Não, não, por favor! Estou aqui, estou aqui! *(Vem toda vestida com um chapelão petulante na cabeça e um cãozinho no braço. Desce correndo pelo corredor e sobe apressadíssima por uma das escadinhas.)*

O DIRETOR
A senhora jurou fazer-me esperar sempre!...

A PRIMEIRA ATRIZ
Desculpe-me, procurei tanto um automóvel para chegar a tempo! Mas vejo que ainda não começaram, e eu não entro logo em cena. *(Depois, chamando o Assistente pelo nome, entrega-lhe o cãozinho.)* Por favor, feche-o no meu camarim.

O DIRETOR *(resmungando)*
Ainda por cima o cãozinho! Como se fôssemos poucos, os quadrúpedes, aqui. *(Bate de novo as mãos e dirige-se ao Ponto.)* Vamos, vamos, o segundo ato de *A Cada Qual o Seu Papel. (Sentando-se na poltrona)* Atenção, senhores. Quem está em cena?...

(Os Atores e Atrizes saem da baixa do

palco e vão sentar-se a um lado, exceto os três que iniciam o ensaio e a Primeira Atriz, a qual, sem prestar atenção à pergunta do Diretor, foi sentar-se diante de uma das mesinhas.)

O DIRETOR *(à Primeira Atriz)*
A senhora então está em cena?

A PRIMEIRA ATRIZ
Eu? Não, senhor.

O DIRETOR *(aborrecido)*
Então saia daí, pelo amor de Deus!

(A Primeira Atriz levanta-se e vai sentar junto aos outros Atores que já se afastaram.)

O DIRETOR *(ao Ponto).*
Comece, comece.

O PONTO *(Lendo o texto)*
"Em casa de Leone Gala. Uma estranha sala de jantar e de estudo."

O Diretor *(ao Assistente)*
Poremos o gabinete vermelho.

O ASSISTENTE *(anotando numa folha de papel)*
O vermelho. Perfeitamente.

O PONTO *(continuando a ler)*
"Mesa posta e escrivaninha com livros e papéis. Estantes de livros e cristaleira com ricos objetos de mesa. Porta ao fundo abrindo para o quarto de dormir de Leone. Porta lateral, à esquerda, pela qual se vai à cozinha. Entrada à direita."

O DIRETOR *(levantando-se e indicando)*
Bem! Prestem atenção: lá é a entrada, aqui, a cozinha. *(Indo ao Ator que fará o papel de Sócrates)* O senhor entrará e sairá por esta porta. *(Ao Assistente)* Ponha, ao fundo, uma porta de um só batente e pendure as cortinas. *(Senta.)*

O ASSISTENTE *(anotando)*
Perfeitamente.

O PONTO
"Cena primeira. Leone Gala, Guido Venanzi, Filipe, chamado Sócrates." *(Ao Diretor)* Devo ler também a rubrica?...

O DIRETOR
Claro! Claro! Já lhe disse mais de cem vezes!

O PONTO
"Ao levantar o pano, Leone Gala, com gorro de cozinheiro e avental, bate, com uma colher de pau, um ovo, numa tigela. Filipe bate outro, também com vestido de cozinheiro. Guido Venanzi escuta, sentado."

O PRIMEIRO ATOR *(ao Diretor)*
Com licença: tenho mesmo de pôr um gorro de cozinheiro na cabeça?...

O DIRETOR *(chocado com a pergunta)*
Parece-me que sim! Está escrito ali! *(Indica o texto.)*

O PRIMEIRO ATOR
Desculpe, mas é ridículo!...

O DIRETOR *(saltando, furioso)*
"Ridículo! Ridículo!" E que quer o senhor que eu faça, se não nos vem mais, da França, uma boa comédia e se estamos reduzidos a pôr em cena peças de Pirandello, que só os "iniciados" entendem, feitas, de propósito, de tal modo que não satisfazem nem aos atores nem aos críticos nem ao público?... *(Os Atores riem. Então o Diretor, levantando-se, vem para junto do Primeiro Ator e grita.)* O gorro de cozinheiro, sim, senhor! E bata os ovos! E pensa que, batendo ovos, não tem nada que fazer? Pois sim, vá esperando. Tem que representar a casca dos ovos que bate! *(Os Atores tornam a rir e começam a fazer comentários entre si, ironicamente.)* Silêncio! E prestem atenção quando explico! *(Voltando-se, de novo, para o Primeiro Ator)* Sim, senhor, a casca; ou, em outras palavras: a forma vazia da razão, sem o recheio do instinto, que é cego. O senhor é a razão e sua mulher, o instinto, num jogo de papéis preestabelecido, no qual o senhor, que representa o seu papel, é, voluntariamente, o fantoche de si mesmo. Compreendeu?...

O PRIMEIRO ATOR *(abrindo os braços)*
Não!

O DIRETOR *(voltando para o seu lugar)*
Nem eu tampouco! Vamos adiante, que no fim tudo dará

certo! *(Confidencial)* Não se esqueça de ficar sempre de três quartos, porque, se além do diálogo já ser confuso, o senhor não se fizer ouvir pelo público, então irá tudo por água abaixo! *(Batendo de novo as mãos)* Atenção! Atenção! Recomecemos!...

O PONTO
Com licença, senhor Diretor, permite que me cubra com a caixa? Há um ventinho por aqui!

O DIRETOR
Pois não! Ponha a caixa, ponha!

(Entretanto, o Porteiro do teatro entrou na sala com o boné agaloado na cabeça e atravessou o corredor, entre as poltronas, aproximando-se do palco, para anunciar ao Diretor a chegada das Seis Personagens, que, tendo entrado também na sala, seguindo o Porteiro a certa distância, um pouco enleadas e perplexas, olham em redor.)

Quem quiser tentar o translado cênico desta peça, precisa valer-se dos meios possíveis, a fim de obter o máximo de efeito, no sentido de que estas Seis Personagens não se confundam com os Atores da Companhia. A disposição de uns e outros, indicada nas rubricas, quando aquelas subirem ao palco, sem dúvida, ajudará muito, assim como o colorido diferente da luz, por meio de refletores devidamente colocados. O meio mais eficaz e conveniente, porém, que aqui sugerimos é o uso de más-

caras para as Personagens, máscaras feitas expressamente de material que não amoleça com o suor e que sejam leves, para não incomodar os atores que as usarem. Devem ser fabricadas e cortadas de modo a deixar livres os olhos, o nariz e a boca. Desta maneira, interpretar-se-á também o sentido profundo da peça. As Personagens não deverão aparecer como "fantasmas", porém como "realidades criadas", construções imutáveis da fantasia e, por conseguinte, mais reais e consistentes do que a volúvel naturalidade dos Atores. As máscaras ajudarão a dar a impressão de rostos construídos artisticamente e cada qual fixado imutavelmente na expressão do próprio sentimento fundamental, que é, para o Pai, o remorso; para a Enteada, a vingança; para o Filho, o desdém; para a Mãe, a dor, com lágrimas fixas, de cera, na lividez das olheiras e ao longo da face, conforme se vêem, nas igrejas, em imagens esculpidas e pintadas da Mater Dolorosa. E os vestuários devem ser também de tecidos e feitios especiais, sem extravagância, com pregas rígidas e volume quase estatuário, de modo que não dêem a idéia de terem sido feitos com fazendas que se podem comprar em qualquer loja da cidade, nem cortados e cosidos por uma costureira qualquer.

O Pai andará pelos 50 anos; entradas

fundas, mas não calvo, cabelo ruivo, bigodinho espesso, quase encaracolado ao redor da boca ainda fresca, freqüentemente aberta num sorriso incerto e vão. Pálido, principalmente, na fronte ampla; olhos azuis, ovais, lucidíssimos e argutos. Veste calça clara e paletó escuro. Ora será melífluo, ora será áspero e duro.

A Mãe parece apavorada e esmagada por um peso intolerável de vergonha e aviltamento. Velada por espesso crepe de viúva, está humildemente vestida de negro e, quando levantar o véu, mostrará um rosto não dolente, mas como se fosse de cera, sempre de olhos baixos.

A Enteada, de 18 anos, é petulante, quase impudente. Belíssima, veste-se também de luto, mas com elegância vistosa. Mostra desprezo pelo ar tímido, aflito e enleado do irmãozinho, o Rapazinho esquálido, de 14 anos, vestido também de negro, e uma ternura vivaz pela irmãzinha, a Menina, de 4 anos, vestida de branco, com uma faixa de seda negra na cintura.

O Filho, de 22 anos, alto, quase inteiriçado num contido desprezo pelo Pai e numa carrancuda indiferença pela Mãe, veste um sobretudo leve, violeta, e um longo cachecol verde em torno do pescoço.

O PORTEIRO *(com o boné na mão)*
Com licença, senhor Diretor...

O DIRETOR *(abrupto, de maus modos)*
Que é ainda?

O PORTEIRO *(tímido)*
Estão aqui umas pessoas, perguntando pelo senhor.

(O Diretor e os atores voltam-se surpresos, a olhar para a sala.)

O DIRETOR *(furioso outra vez)*
Mas estou ensaiando. E você bem sabe que, quando ensaio, não deve entrar ninguém. *(Olhando para o fundo da platéia)* Quem são os senhores? Que desejam?...

O PAI *(adiantando-se até uma das escadinhas, seguido pelos outros)*
Estamos aqui à procura de um autor.

O DIRETOR *(entre espantado e irritado)*
De um autor? Que autor?

O PAI
Qualquer um, senhor.

O DIRETOR
Mas aqui não há nenhum autor. Não estamos ensaiando nenhuma peça nova.

A ENTEADA (com alegre vivacidade, subindo de corrida a escadinha)

Tanto melhor! Tanto melhor, então, meu senhor. Poderemos ser nós a sua nova peça!...

UM ATOR *(entre os comentários rápidos e as risadas dos outros)*
Oh! Escutem, escutem!

O PAI *(subindo ao palco, em seguida à Enteada)*
Sim... mas se não há nenhum autor... *(Ao Diretor)* Salvo se o senhor quiser ser...

(A Mãe, com a Menina pela mão, e o Rapazinho subirão os primeiros degraus da escadinha e ficarão ali, à espera. O Filho permanecerá embaixo, mal-humorado.)

O DIRETOR
Os senhores querem fazer graça?...

O PAI
Não, em absoluto! Que está dizendo, senhor? Ao contrário, trazemo-lhes um drama doloroso.

A ENTEADA
E poderemos fazer a sua fortuna!

O DIRETOR
Façam-me o favor de ir embora! Não temos tempo a perder com loucos.

O PAI *(ofendido, mas melífluo)*
Oh, senhor, sabe muito bem que a vida é cheia de infini-

tos absurdos, os quais, descaradamente, nem ao menos têm necessidade de parecer verossímeis. E sabe por que, senhor? Porque esses absurdos são verdadeiros.

O DIRETOR
Mas que diabo está o senhor dizendo?...

O PAI
Digo que, ao pensarmos nesses absurdos verdadeiros, que nem mesmo verossímeis nos parecem, vemos que a loucura consiste, justamente, no oposto: em criar verossimilhanças que pareçam verdadeiras. E essa loucura, permita-me que lhe observe, é a única razão de ser da profissão dos senhores.

(Os Atores agitam-se, indignados.)

O DIRETOR *(levantando-se e olhando-o de alto a baixo)*
Ah, é?... Acha então que a nossa é uma profissão de loucos?...

O PAI
Hum! Fazer com que pareça verdadeiro o que não o é, sem necessidade... só por prazer. O ofício dos senhores não consiste em dar vida, na cena, a personagens imaginárias?...

O DIRETOR *(fazendo-se porta-voz da indignação crescente dos seus Atores)*
Pois eu lhe peço o favor de acreditar, meu caro senhor, que a profissão de ator é uma nobilíssima profissão! E, se hoje em dia os senhores teatrólogos modernos só nos dão peças cretinas para representar, e fantoches em vez

de homens, saiba que nos gloriamos de ter dado vida, aqui, sobre estas tábuas, a obras imortais!

(Os Atores, satisfeitos, aprovam e aplaudem o Diretor.)

O PAI *(interrompendo e falando com ímpeto)*
É isso mesmo! Exatamente! Dar vida a seres vivos, mais vivos que aqueles que respiram e vestem roupas! Menos reais, talvez, porém mais verdadeiros. Somos da mesma opinião.

(Os Atores se entreolham, pasmados.)

O DIRETOR
Mas como? Se, ainda agora, dizia...

O PAI
Não, desculpe: respondi ao senhor, que nos gritou não ter tempo para perder com doidos. E, no entanto, ninguém melhor do que o senhor pode saber que a natureza se serve da fantasia humana como instrumento para prosseguir, em nível mais alto, a sua obra de criação.

O DIRETOR
Está bem, está bem. Mas que pretende concluir com isso?...

O PAI
Nada, senhor. Demonstrar-lhe que, para a vida, se nasce de tantos modos, de tantas formas... Árvore ou pedra, água ou borboleta... ou mulher... E que se nasce também personagem!

O DIRETOR *(espanto fingido e irônico)*
E o senhor, com essas outras pessoas em volta, nasceu personagem?...

O PAI
Exatamente. E vivos, como nos vê.

(O Diretor e os Atores desatam a rir, como se tratasse de uma brincadeira.)

O PAI *(magoado)*
Desagrada-me que riam dessa maneira, porque trazemos em nós, repito, um drama doloroso, o que é fácil perceber, pelo aspecto desta senhora velada de negro. *(Assim falando, estende a mão para ajudar a Mãe a subir os últimos degraus da escadinha e, continuando a segurá-la pela mão, a conduz, com certa solenidade trágica, para o outro lado do palco, que se ilumina, repentinamente, com uma luz fantástica. A Menina e o Rapazinho seguem a Mãe; depois, vai o Filho, que se mantém apartado, ao fundo; depois a Enteada, que fica também afastada dos outros, apoiada na boca de cena. Os Atores, a princípio estupefatos, depois admirados daquela evolução, rompem em aplausos, como se lhes estivessem oferecendo um espetáculo.)*

O DIRETOR *(primeiro pasmo, depois indignado)*
Acabemos com isto! Façam silêncio! *(Volta-se para as Personagens.)* E os senhores retirem-se! Saiam daqui! *(Ao Assistente)* Por Deus, faça-os sair!...

O ASSISTENTE *(avançando e depois parando, como que retido por estranho desânimo)*
Saiam!

O PAI *(ao Diretor)*
Não... não... mas escute... nós...

O DIRETOR *(gritando)*
De uma vez por todas: nós aqui temos que trabalhar!

O PRIMEIRO ATOR
Não é direito estar assim, a fazer troça!...

O PAI *(resoluto, avançando)*
Fico maravilhado da incredulidade dos senhores! Não estão habituados, porventura, a ver pularem vivos, aqui em cima, uma diante das outras, as personagens que foram criadas por um autor? Talvez porque não há ali *(indica a caixa do ponto)* um texto que nos contenha?...

A ENTEADA (indo ao Diretor, sorridente e provocante)
Creia, senhor, que somos, verdadeiramente, seis personagens interessantíssimas! Se bem que desperdiçadas!...

O PAI *(afastando-se)*
Sim, desperdiçadas, isso mesmo! *(Ao Diretor, subitamente)* No sentido de que o autor que nos criou vivos não quis, depois, ou não pôde, materialmente, meter-nos no mundo da arte. E foi um verdadeiro crime, senhor, porque quem tem a sorte de nascer personagem viva, pode rir até da morte. Não morre mais! Morrerá o homem, o escritor, instrumento da criação; a criatura não morre jamais! E, para viver eternamente, nem mesmo precisa possuir dotes extraordinários ou realizar prodígios. Quem era Sancho Pança? Quem era Dom Abbondio? E, no entanto, vivem na eternidade, porque, germes vivos, tiveram a felicidade de encontrar a matriz fecunda,

eternidade!

O DIRETOR
Tudo isso está muitíssimo bem. Mas que querem os senhores aqui?

O PAI
Queremos viver, senhor!

O DIRETOR *(irônico)*
Por toda a eternidade?

O PAI
Não, senhor, ao menos, por um momento, nos senhores.

UM ATOR
Oh, vejam só... vejam só!

A PRIMEIRA ATRIZ
Querem viver em nós!

O GALÃ *(indicando a Enteada)*
Quanto a mim, terei muito prazer, se me couber aquela ali!

O PAI
Vejam, vejam: a peça está por fazer; *(ao Diretor)* mas, se o senhor quiser e seus atores também, podemos arranjá-la agora mesmo, entre nós.

O DIRETOR *(aborrecido)*
Mas o que é que quer arranjar? Aqui não se fazem desses arranjos! Aqui se representam dramas e comédias.

O PAI
Pois então! Foi justamente por isso que viemos procurá-lo.

O DIRETOR
E onde está o texto?...

O PAI
Está em nós, senhor. *(Os Atores riem.)* O drama está em nós; somos nós! E é grande a nossa impaciência, o nosso desejo de representá-lo, impelidos que somos pela paixão que ferve dentro de nós e não nos dá trégua!...

A ENTEADA (escarnecendo, com graça pérfida, de afetada impudência)
A minha paixão, se o senhor soubesse!... A minha paixão... por ele!... *(Indicando o Pai, quase o abraça, mas desata, depois, num riso estridente.)*

O PAI *(num repente de raiva)*
Fique em seu lugar, por enquanto! E peço-lhe que não ria assim!...

A ENTEADA
Não? Então, com licença: se bem que órfã, apenas há dois meses, vejam, senhores, como canto e como danço!

(Trauteia com malícia o Prends Garde à Tchou-Tchin-Tchou, *de Dave Stamper, reduzido a foxtrote ou a* one-step *lento por Francis Salabert; acompanhando a primeira estrofe com passo de dança:*

Les chinois sont un peuple malin,
De Shangai à Pékin,
Ils ont mis des écriteaux partout:
Prenez garde à Tchou-Tchin-Tchou!

Os Atores, principalmente os jovens, enquanto ela canta e dança, como atraídos por uma estranha fascinação, movem-se em direção a ela. Levantando de leve as mãos, como para agarrá-la. Ela se esquiva; e, quando os Atores rompem em aplausos, fica, durante a repreensão do Diretor, abstrata e longínqua.)

OS ATORES E AS ATRIZES *(rindo e aplaudindo)*
Muito bem! Bravos! Esplêndido!

O DIRETOR *(irado)*
Silêncio! Pensam, por acaso, que estão num café-concerto?... *(Trazendo o Pai um pouco à parte, com certa consternação.)* Diga-me uma coisa: ela é doida?...

O PAI
Não! Doida o quê! Pior!...

A ENTEADA (indo, subitamente, ao Diretor)
Pior! Pior! Oh, lá, lá! Muito pior! Escute, por favor! Faça-nos representar já esse drama e verá que, num certo momento, quando Deus tirar este amorzinho aqui... *(Toma pela mão a Menina, que está junto à Mãe, e a leva ao Diretor.)* Vê como é linda? *(Levanta-a nos braços e a beija.)* Queridinha! queridinha! *(Põe-na de novo no chão e acrescenta quase sem querer, comovida)* Pois

bem: quando Deus tirar, de repente, este amorzinho àquela pobre mãe, e este imbecilzinho aqui *(traz para a frente o Rapazinho, puxando-o, de mau modo, pela manga)* fizer a maior das tolices, digna do cretino que ele é *(repele-o, com um empurrão, para a Mãe)*, então verá que eu levanto vôo! Sim, senhor! levanto o vôo!... o vôo! E não vejo a hora disso, acredite, não vejo a hora! Porque, depois do que aconteceu, de muito íntimo, entre mim e ele *(mostra o Pai com um horrível esgar)*, não posso mais me ver no meio desta gente, assistindo ao tormento daquela mãe, por causa daquele sujeito ali *(indica o Filho)*, veja-o, veja-o, indiferente, glacial, pois é o filho legítimo, ele! Cheio de desprezo por mim, por aquele *(indica o Rapazinho)* e por esta criaturinha, que somos bastardos — compreendeu? — bastardos. *(Aproxima-se da Mãe e abraça-a.)* E a esta pobre mãe, que é a mãe comum de todos nós, ele não a quer reconhecer como sua mãe também, e a considera, de alto a baixo, como mãe somente de nós três — os bastardos — vil! que ele é! *(Diz isso tudo rapidamente, com extrema excitação, e, ao chegar ao "vil", depois de aumentar a voz em "bastardos", pronuncia-o surdamente, quase cuspindo.)*

A MÃE (com infinita angústia, ao Diretor)
Senhor, em nome destas duas criaturinhas, suplico-lhe... *(Sente-se desfalecer e vacila.)* Oh, meu Deus!

O PAI *(acudindo para sustê-la, com quase todos os Atores, aturdidos e consternados)*
Pela Virgem Santíssima, uma cadeira, uma cadeira para esta pobre viúva!

OS ATORES *(acudindo)*
Mas então é verdade? Está desmaiando mesmo?

O DIRETOR
Uma cadeira aqui, depressa!

(Um dos Atores traz uma cadeira. Os outros agrupam-se em roda, solícitos. A Mãe, sentada, procura impedir que o Pai levante o véu que lhe esconde o rosto.)

O PAI
Veja-a, senhor, veja-a...

A MÃE
Não, por favor, não faça isso.

O PAI
Deixe que a vejam! *(Levanta-lhe o véu.)*

MÃE (levanta-se, cobrindo o rosto com as mãos, desesperadamente)
Oh, senhor, suplico-lhe que impeça este homem de realizar o seu propósito, que, para mim, é horrível!

O DIRETOR *(surpreso, aturdido)*
Mas não sei mais onde estamos, nem de que se trata... *(Ao Pai)* Esta senhora é sua esposa?

O PAI *(rápido)*
Sim senhor, é minha mulher.

O DIRETOR
E como é, então, que ela é viúva, se o senhor está vivo?...

(Os Atores desafogam todos o seu espanto numa fragorosa risada.)

O PAI *(magoado, com áspero ressentimento)*
Não riam! Não riam assim, pelo amor de Deus! Este é, precisamente, o seu drama, senhores. Ela teve outro homem; outro homem que deveria estar aqui!

A MÃE (num grito)
Não! Não!

A ENTEADA
Ele teve a sorte de morrer há dois meses. Já lhe falei nisso. E, como pode ver, ainda estamos de luto.

O PAI
Mas, se não está aqui, não é, contudo, porque esteja morto. Não está aqui porque — olhe para ela, senhor, por favor, e compreenderá logo. O seu drama não pôde consistir no amor de dois homens, pelos quais era incapaz de sentir coisa alguma — a não ser, talvez, um pouco de gratidão (não por mim, pelo outro). Não é mulher: é mãe. E o seu drama (intenso, senhor, muito intenso) consiste, de fato, inteiramente, nestes quatro filhos, dos dois homens que ela teve.

A MÃE

Eu? Que eu tive? Tem coragem de dizer que fui eu que os tive, como se fosse por mim, por minha própria vontade? Foi ele, senhor! Foi ele que me deu o outro, à força! Obrigou-me, sim, obrigou-me a ir embora, com o outro!

A ENTEADA (com ímpeto, indignada)

Não é verdade!

A MÃE (admirada)

Como não é verdade?

A ENTEADA

Não é verdade! Não é verdade!...

A MÃE

Que pode saber você?

A ENTEADA

Não é verdade! *(Ao Diretor)* Não acredite nela. Sabe por que diz isso? Por causa daquele ali. *(Indica o Filho.)* Porque vive mortificada, consumida pelo desprezo dele, e quer dar-lhe a entender que, se o abandonou quando tinha dois anos, foi porque ele *(indica o Pai)* a obrigou a isso.

A MÃE (com força)

Obrigou-me, sim, obrigou-me! Chamo Deus em testemu-

nho! *(Ao Diretor)* Pergunte a ele *(indica o Pai)* se não é verdade! Obrigue-o a dizer! Ela *(indica a Enteada)* não pode saber nada!

A ENTEADA

Sei que, enquanto esteve com meu pai, a senhora sempre viveu em paz e contente. Negue-o, se é capaz.

A MÃE

Não nego, não...

A ENTEADA

Foi sempre cheio de amor, para a senhora, e de cuidados. *(Ao Rapazinho, raivosamente)* Não é verdade? Diga... Por que não fala, idiota?

A MÃE

Deixe esse pobre menino quieto! Por que quer fazer-me passar por ingrata, minha filha? Longe de mim ofender seu pai, não o faria, de modo algum. Apenas, respondi a ele *(indica o Pai)* que não foi por culpa minha, nem por meu gosto, que abandonei a sua casa e o meu filho.

O PAI

É verdade, senhor: fui eu! *(Pausa.)*

O PRIMEIRO ATOR *(aos colegas)*

Vejam só que espetáculo!

A PRIMEIRA ATRIZ
E são eles que o dão a nós!

O GALÃ
Ao menos, por uma vez...

O DIRETOR *(que começa a interessar-se vivamente)*
Vamos ouvir! Vamos ouvir! *(E, assim dizendo, desce à platéia por uma das escadinhas e fica em pé, diante do palco, para ter, como espectador, a impressão da cena.)*

O FILHO *(sem sair de seu lugar, baixo, frio, irônico)*
Sim, fiquem ouvindo e vão ver, agora mesmo, que rasgos de filosofia! Vai falar-lhes o Demônio da Experiência!...

O PAI
Você é um cínico imbecil, e já lhe disse isto mais de cem vezes! *(Ao Diretor, que já está na platéia)* Escarnece de mim, senhor, por causa dessa frase que encontrei para desculpar-me.

O FILHO *(com desprezo)*
Frases...

O PAI
Frases! Frases! Como se não fosse o consolo de todos, diante de um fato que não se explica, diante de um mal

que nos consome, achar uma palavra que não diz nada e nos aquieta!

A ENTEADA
Mesmo o remorso, e principalmente ele...

O PAI
O remorso? Não é verdade; não o aquietei em mim apenas com palavras.

A ENTEADA
Também com um pouco de dinheiro — sim, sim — com um pouco de dinheiro! Com as cem liras que ia oferecer-me em pagamento, senhores!

(Movimento de horror dos Atores.)

O FILHO *(com desprezo, à irmã)*
Como isso é vil!

A ENTEADA
Vil? Estavam lá, num envelope azul-claro, sobre a mesinha de mogno, na saleta dos fundos da loja de Madama Pace. Sabe, senhor, uma daquelas *madamas* que, com o pretexto de venderem *Robes et Manteaux,* nos atraem aos seus *ateliers* a nós, moças pobres, de boa família.

O FILHO
E comprou, para si, o direito de tiranizar-nos a todos, com aquelas cem liras que ele ia pagar e que, por sorte — veja bem —, não teve, depois, motivo de pagar!...

A ENTEADA

Eh! Mas estivemos, mesmo, por um triz — fique sabendo! *(Desata a rir.)*

A MÃE (insurgindo-se)

Que vergonha, minha filha! Que vergonha!...

A ENTEADA (num rompante)

Vergonha? É a minha vingança! Estou vibrando, senhor, ansiosa por viver aquela cena! A saleta... aqui, o armário envidraçado dos mantôs; ali o sofá-cama, o espelho grande, de moldura dourada, o biombo, e, diante da janela, a tal mesinha de mogno e o envelope azul-claro, com as cem liras. Estou vendo-o! Poderia apanhá-lo! Mas os senhores teriam de virar o rosto: estou quase nua! Não coro mais, porque, agora, quem cora é ele. *(Indica o Pai.)* Mas asseguro-lhes que estava muito pálido, palidíssimo, naquele momento! *(Ao Diretor)* Pode crer-me, senhor!

O DIRETOR

Não compreendo mais coisíssima nenhuma!

O PAI

Pudera! Assaltado desse modo! Imponha um pouco de ordem, senhor, e deixe-me falar! Não dê ouvidos às ignomínias que, a meu respeito e com tanta ferocidade, ela pretende fazê-lo acreditar, sem as devidas explicações!

A ENTEADA

Aqui não se inventam histórias! Aqui não se inventam histórias!

O PAI

Mas não estou inventando nada. Quero explicar-lhe...

A ENTEADA

Pois sim! A seu modo!

(O Diretor, neste momento, sobe ao palco para impor ordem.)

O PAI

Mas, se todo o mal está nisto!... Nas palavras. Todos trazemos dentro de nós um mundo de coisas: cada qual tem o seu mundo de coisas! E como podemos entender-nos, senhor, se, nas palavras que digo, ponho o sentido e o valor das coisas como são dentro de mim, enquanto quem as ouve lhes dá, inevitavelmente, o sentido e o valor que elas têm para ele, no mundo que traz consigo? Pensamos entender-nos... e jamais nos entendemos! Veja: a minha compaixão, toda a minha compaixão por esta criatura *(indica a Mãe)*, ela a considerou a mais feroz das crueldades!...

A MÃE

Mas se você me expulsou!

O PAI

Vê? Está ouvindo? Diz que a expulsei. Acha que a expulsei!

A MÃE

Você sabe falar: eu não sei... Mas, acredite, senhor, que, depois de se ter casado comigo... quem sabe por quê!... — (eu era uma pobre mulher, humilde...)

O PAI

Justamente por isso! Casei-me pela sua humildade, o que

eu amava em você, julgando... *(Interrompe-se diante das negações dela. Abre os braços, desesperado pela impossibilidade de fazer-se compreender. Dirigindo-se ao Diretor)* Está vendo? Diz que não! É espantosa, senhor — acredite —, é espantosa a sua surdez *(bate na testa)*, a sua surdez mental! Coração tem, para os filhos! Mas surda, surda de cérebro, surda, senhor, até ao desespero!

A ENTEADA
É, mas pergunte-lhe agora que sorte nos trouxe a sua inteligência!...

O PAI
Se nos fosse dado prever todo o mal que pode nascer do bem que pensamos fazer!...

(Nesta altura, a Primeira Atriz, aborrecida por ver o Primeiro Ator namorar a Enteada, vem ao Diretor e pergunta)

A PRIMEIRA ATRIZ
Com licença, senhor Diretor: o ensaio vai continuar?

O DIRETOR
Vai, sim, vai. Mas agora deixe-me ouvir.

O GALÃ
É um caso tão novo!...

A INGÊNUA
Interessantíssimo!

A PRIMEIRA ATRIZ (dando uma olhadela ao Primeiro Ator)
Para quem se interessa por ele...

O DIRETOR *(ao Pai)*
Mas é preciso que o senhor se explique claramente! *(Senta-se.)*

O PAI
Pois não! Veja, senhor: eu tinha um subalterno, meu secretário, um pobre homem, devotadíssimo, que andava, em tudo e por tudo, de acordo com ela *(indica a Mãe)*, sem sombra de mal — note bem! — um homem bom, humilde e tão incapaz quanto ela — já não digo de fazer, mas de pensar no mal!...

A ENTEADA
E, em vista disso, ele o pensou, por eles — e o fez!

O PAI
Não é verdade! Pensei fazer o bem deles e também o meu, confesso! Meu senhor, tinha chegado ao ponto em que não podia dizer uma palavra a um ou a outro, sem que imediatamente trocassem um olhar de compreensão, sem que ela procurasse logo os olhos do outro para aconselhar-se, para saber como devia interpretar aquela minha palavra, para não irritar-me. Bastava isso — o senhor bem pode compreender — para manter-me numa raiva contínua, num estado de exasperação intolerável!...

O DIRETOR
Uma pergunta: por que não mandava embora o seu secretário?

O PAI
Foi o que fiz. Mandei-o embora. Mas vi então esta pobre mulher andar pela casa como perdida, como um animal sem dono que a gente recolhe por pena.

A MÃE
Pudera!

O PAI *(volta-se para ela, como que para antecipar-se-lhe, rápido)*
O filho, não é?

A MÃE
Primeiro, tinha-me tirado o filho do peito, senhor!

O PAI
Mas não foi por crueldade! Foi para fazê-lo crescer sadio e robusto, ao contato da terra!

A ENTEADA (indicando o Filho, irônica)
Vê-se!

O PAI *(rápido)*
E é também culpa minha, se depois ficou assim? Entreguei-o a uma ama-de-leite, fora da cidade, a uma camponesa, porque ela não me parecia bastante forte para amamentá-lo, apesar de ser de origem humilde. Foi por esta mesma razão que me casei com ela. Sempre ouvi dizer que as pessoas de nascimento modesto são mais fortes e sadias... Crendices!... Mas que havemos de fazer? Sempre tive destas malditas aspirações a uma sólida sanidade moral!...

(A Enteada, neste ponto, solta nova e ruidosa gargalhada.)

O PAI *(ao Diretor)*
Faça-a calar! É insuportável!

O DIRETOR
Cale-se! Deixe-me ouvir, Santo Deus!...

(Com a repreensão do Diretor, a Enteada interrompe a gargalhada em meio e fica de novo absorta e longínqua. O Diretor desce à platéia para ter a impressão da cena.)

O PAI
Não pude mais ver esta mulher *(indica a Mãe)* junto a mim. Não tanto pelo aborrecimento, pela opressão — verdadeira opressão — que me dava, quanto pela pena — uma pena angustiosa — que sentia por ela.

A MÃE
E mandou-me embora!

O PAI
Bem provida de tudo. Mandei-a para aquele homem — mandei-a, sim senhor — com o intuito de livrá-la de mim!

A MÃE
E para ele ficar livre!

O PAI
Também eu: concordo. E o resultado foi um grande mal.

Mas o que fiz, foi por bem... e mais por ela que por mim, juro! *(Cruza os braços no peito. Depois, voltando-se imediatamente para a Mãe)* Perdi você de vista, diga, perdi você de vista, até que ele a levou embora, de um dia para outro, sem eu saber, para outra cidade, totalmente impressionado por aquele meu interesse puro — pode crer, senhor —, absolutamente puro, sem qualquer segunda intenção, por mínima que fosse. Interessei-me, com uma ternura inacreditável, pela nova família que crescia. E disso ela também é testemunha. *(Indica a Enteada.)*

A ENTEADA

E como! Pequenina, pequenina, sabe? — com as trancinhas pelos ombros e as calcinhas mais compridas do que a saia — pequenina, assim — lembro-me de vê-lo diante do portão da escola, na hora da saída. *(Intencional)* Vinha ver-me crescer...

O PAI

Isso é pérfido! É infame!

A ENTEADA

Não! Por quê?

O PAI

Infame! Infame! *(De repente, exaltado, em tom de explicação, ao Diretor)* A minha casa, senhor, depois que ela se foi *(indica a Mãe)*, pareceu-me, de repente, vazia. Era o meu pesadelo, mas enchia-me a casa! Sozinho, parecia uma mosca sem cabeça, andando pelos quartos. Aquele ali *(indica o Filho)* criado fora, recém-chegado à casa, não me parecia meu filho. Faltando a mãe, cresceu por

si, à parte, sem nenhuma relação afetiva ou intelectual comigo. E então — parecerá estranho, senhor, mas é verdade — a princípio senti curiosidade, e depois, pouco a pouco, senti atração pela nova família dela, formada por obra minha, e esse sentimento começou a encher o vácuo que sentia ao redor de mim. Tinha necessidade, sim, necessidade de sabê-la em paz, toda entregue às mais simples tarefas da vida, feliz, porque alheia e distante dos complicados tormentos do meu espírito. E, para ter uma prova disso, ia ver aquela menina, à saída da escola!...

A ENTEADA

Pois sim que era por isso! Seguia-me, na rua; sorria para mim e, quando chegava à casa, dava-me adeusinho, com a mão — assim! Eu o olhava espantada, desconfiada... Não sabia quem era... Contei a mamãe e ela deve ter compreendido logo que era ele. *(A Mãe move a cabeça, assentindo.)* Não me deixou ir à escola, durante uns dias. Quando voltei lá, tornei a vê-lo, à saída — engraçado! — com um embrulho grande, na mão. Aproximou-se, fez-me festas e tirou do embrulho um chapelão lindo, de palha da Itália, com uma guirlandazinha de rosas de maio, pequeninas. Era para mim!

O DIRETOR

Mas tudo isso é narrativa, meus senhores!

O FILHO *(com desprezo)*

Claro que é! Literatura! Literatura!

O PAI

Qual literatura, qual nada! Isso é vida, senhores, paixão!

O DIRETOR

Será. Mas irrepresentável!

O PAI

De acordo, porque todos esses são fatos anteriores. Eu não digo que se represente isso. Como vê *(indica a Enteada)*, ela não é mais aquela garotinha, com as trancinhas pelo ombro...

A ENTEADA

... e as calcinhas abaixo da saia!

O PAI

É agora que o drama começa! Complexo... novo...

A ENTEADA (sombria, altiva, adiantando-se)

Assim que meu pai morreu...

O PAI *(rápido, para não lhe dar tempo de falar)*

... a miséria, senhor! Voltam para cá, sem eu saber. Por tolice dela. *(Indica a Mãe.)* Mal sabe escrever, mas podia mandar a filha ou aquele rapaz escrever-me dizendo que estavam passando necessidades!

A MÃE

Diga-me, senhor, se eu podia adivinhar nele todos esses sentimentos.

O PAI

Esse foi justamente o seu erro: não ter nunca adivinhado nenhum dos meus sentimentos!

A MÃE

Depois de tantos anos de afastamento e depois de tudo o que aconteceu...

O PAI

Que culpa tenho eu se aquele homem levou vocês embora assim, sem mais nem menos? *(Ao Diretor)* Foi como lhe digo: de um dia para outro, porque tinha encontrado não sei que emprego, fora daqui. Não me foi possível seguir-lhes o rastro e então, é lógico, fui-me desinteressando. Durante tantos anos! O drama estoura, senhor, imprevisto e violento, com a volta deles, quando eu, levado — ai de mim! — pela miséria da minha carne ainda viva... Ah! miséria, verdadeira miséria para um homem solitário que não tenha querido ligações aviltantes; não tão velho ainda que possa passar sem mulher, e não mais tão jovem que lhe seja possível, facilmente e sem envergonhar-se, andar à procura delas! Miséria? — que digo! horror, horror, porque mulher alguma pode mais dar-lhe amor. — E, quando se compreende isto, se deveria desistir, de vez... Qual... Senhor, cada qual se veste com a sua dignidade por fora, diante dos outros; mas dentro de si sabe muito bem tudo de inconfessável que se passa no seu íntimo. Cedemos, cedemos à tentação, para reerguer-nos logo depois — Deus sabe como! — com grande pressa de recompor, inteira e sólida, como quem põe uma pedra sobre um túmulo, a nossa dignidade, que esconde e sepulta aos nossos próprios olhos todo sinal e até mesmo a lembrança da vergonha! É assim com todos! O que falta é apenas a coragem de dizer certas coisas!

A ENTEADA

Porque a de fazê-las depois, todos a têm!

O PAI

Todos! Mas, escondido! E por isso é preciso maior coragem para dizê-las! Porque basta que um as diga e — pronto! — grudam-lhe o rótulo de cínico. No entanto, não é verdade, senhor: é como todos os outros; melhor talvez, melhor porque não tem medo de descobrir, com a luz da inteligência, o rubor da vergonha lá no fundo da bestialidade humana que fecha sempre os olhos para não vê-lo. E a mulher — sim —, a mulher, em verdade, como é? Olha-nos, provocadora, convidativa... E quando a agarramos, mal a apertamos contra nós, fecha logo os olhos. É o sinal da sua submissão. O sinal com que diz ao homem: "Fica cego; eu estou cega!"

A ENTEADA

E quando não os fecha mais? Quando não sente mais a necessidade de esconder de si própria, fechando os olhos, o rubor da sua vergonha e, em vez disso, vê, com olhos agora áridos e impassíveis, o rubor do homem que, mesmo sem amor, ficou cego? Ah! que asco então, que nojo de todas essas complicações intelectuais, de toda essa filosofia que descobre a besta e depois quer salvá-la, desculpá-la... Não posso ouvi-lo, senhor! Porque, quando se é constrangido a "simplificar" a vida — assim, bestialmente, pondo fora o estorvo "humano" de toda e qualquer aspiração casta, de todo e qualquer sentimento puro, idealismo, deveres, o pudor, a vergonha — nada há que provoque mais desprezo e náusea do que certos remorsos: lágrimas de crocodilo!

O DIRETOR

Vamos aos fatos, meus senhores, vamos aos fatos! Isso são discussões.

O PAI

Exatamente! Mas um fato é como um saco: vazio, não fica de pé. Para que fique de pé, é preciso pôr-lhe dentro a razão e o sentimento que o determinaram. Eu não podia saber que, morto aquele homem, e com eles de volta para cá, na miséria, para atender ao sustento dos filhos ela *(indica a Mãe)* costurasse para fora e fosse justamente trabalhar para aquela... aquela Madama Pace!

A ENTEADA

Modista fina, se os senhores querem saber. Serve, em aparência, as melhores senhoras, mas tem tudo disposto para que estas melhores senhoras depois a sirvam, por sua vez, a ela... sem prejuízo das outras assim assim!

A MÃE

Acredite, senhor, garanto-lhe que não me passou pela cabeça, nem de leve, a suspeita de que aquela megera me dava trabalho porque estava de olho na minha filha...

A ENTEADA

Pobre mamãe! Sabe o que aquela Madama Pace fazia assim que eu lhe entregava o trabalho de minha mãe? Mandava-me tomar nota dos vestidos que lhe dera para coser e que não estavam bem feitos, e descontava no preço combinado... E assim, o senhor compreende, quem pagava era eu, enquanto esta pobrezinha pensava sacrificar-se por mim e por aqueles dois, costurando, mesmo durante a noite, a roupa de Madama Pace.

(Gestos e exclamações de desprezo dos Atores.)

O DIRETOR *(subitamente, à Enteada)*
E lá, um dia, encontrou-se...

A ENTEADA (indicando o Pai)
... com ele, sim senhor, com ele, velho cliente! Verá que cena para representar! Esplêndida!

O PAI
Com a chegada imprevista dela, da mãe...

A ENTEADA (rápida, perfidamente)
... quase a tempo!

O PAI *(gritando)*
Não! A tempo! A tempo! Porque eu, por sorte, a reconheci a tempo! E levei-a para casa, senhor! Imagine agora a situação minha e dela — um diante do outro! Ela assim como está vendo, e eu, sem poder olhá-la no rosto!

A ENTEADA
Engraçadíssimo! Mas diga-me, senhor, uma coisa: era possível pretender que eu — depois do que houve — me comportasse como uma donzela tímida, bem-educada e virtuosa, de acordo com as suas malditas aspirações "a uma sólida sanidade moral"?...

O PAI
O drama para mim está todo nisto: na convicção que tenho de que cada um de nós julga ser "um", o que não é verdade, porque é "muitos"; tantos quantas as possibilidades de ser que existem em nós: "um" com este; "um" com aquele — diversíssimos! E com a ilusão, entretanto, de ser sempre "um para todos", e sempre "aquele um" que acreditamos ser em cada ato nosso. Não é verdade! Não é verdade! Percebemos bem isso quando, em qualquer de nossos atos, por um acontecimento infeliz, ficamos como que enganchados e suspensos e nos damos conta de não estarmos por inteiro naquele ato e que seria, portanto, uma injustiça atroz julgar-nos só por isso, manter-nos enganchados e suspensos no pelourinho durante uma existência inteira, como se toda ela se resumisse naquele ato! Compreende agora a perfídia desta moça? Surpreendeu-me num lugar, num ato, onde e como não devia conhecer-me, como eu não podia ser, em relação a ela; e quer dar-me uma realidade que eu jamais poderia imaginar que tivesse de assumir para com ela, num momento fugaz e vergonhoso da minha vida! Isto, isto, senhor, é o que eu sinto, acima de tudo. E é isto o que dá ao drama um imenso valor. Mas há, ainda, a situação dos outros! A sua... *(Indica o Filho.)*

O FILHO *(movendo-se desabrido, desdenhoso)*
Deixe-me de parte, que eu não entro nessa história.

O PAI
Como não entra?

O FILHO
Não entro nem quero entrar. Bem sabe que não fui feito para figurar aqui, no meio de vocês!

A ENTEADA

De nós, gente vulgar! — De qualidade, ele! Mas o senhor pode ver que, todas as vezes em que ponho os olhos nele para transpassá-lo com o meu desprezo, outras tantas ele baixa os seus — porque sabe o mal que me fez!

O FILHO *(olhando-a a custo)*

Eu?...

A ENTEADA

Você, Você! A você devo o *rendez-vous*, meu caro, a você! *(Gesto de horror dos Atores.)* Impediu ou não, com a sua atitude, já não digo a intimidade da casa, mas aquela caridade que consiste em pôr os hóspedes a seu gosto, sem constrangimento? Fomos os intrusos que vieram invadir o reino da sua "legitimidade"! Senhor, gostaria de fazê-lo assistir a certas cenazinhas a sós, entre mim e ele! Diz que tenho tiranizado a todos... Mas, o senhor está vendo? Foi justamente por essa atitude sua que me utilizei daquilo que ele chama de "vil": a razão que me permitiu entrar na sua casa com minha mãe — que é também mãe dele — como patroa!

O FILHO *(adiantando-se lentamente)*

Todos têm bom jogo, senhor. Uma partida fácil: todos contra mim. Imagine, porém, um filho que está tranqüilamente em casa e vê chegar, um belo dia, cheia de petulância, assim, "de olhos no alto", uma jovem que lhe pergunta pelo pai, ao qual tem que dizer não sei o quê! Depois a vê voltar, sempre com o mesmo ar, acompanhada daquela pequenina ali e, por fim, tratar o pai — quem sabe por que motivo — de um modo muito ambíguo e "desembaraçado", pedindo dinheiro, num tom que

faz supor que ele lhe deve e que tem de dá-lo, porque é sua obrigação dá-lo...

O PAI

...e é, de fato, obrigação minha: é para sua mãe!

O FILHO

Que sei eu, de tudo isso? Quando a vi, senhor? Quando ouvi falar nela? Vejo-a vir, um dia, em sua companhia *(indica a Enteada)*, com aquele Rapazinho e aquela Menina. Dizem-me "Sabe? É também sua mãe". Consigo perceber pelos modos dela *(indica a Enteada)*, o motivo pelo qual, assim, sem mais nem menos, de um dia para outro, entraram pela casa adentro. Senhor, o que eu experimento, o que eu sinto, não posso e não quero dizer! Poderia, no máximo, confiá-lo, na mais absoluta reserva, mas não quero fazê-lo nem a mim mesmo. Como vê, pois, isso não pode dar motivo a nenhuma ação, de minha parte. Creia, senhor, acredite que sou uma personagem não "realizada", dramaticamente, e que estou mal, muitíssimo mal, na companhia deles! Deixem-me quieto!

O PAI

Mas... não pode ser! Se — justamente porque você é assim...

O FILHO *(com violenta exasperação)*

... e sabe você como sou eu? Quando se importou comigo?...

O PAI

Concordo! Concordo! E esta não é também uma situa-

ção? Esse seu isolamento, tão cruel para mim, para sua mãe, que, de volta para casa, o vê quase pela primeira vez, já grande, e não o conhece, mas sabe que é seu filho... *(Indicando a Mãe ao Diretor)* Está vendo?... chora!

A ENTEADA (com raiva, batendo o pé)
Como uma cretina!...

O PAI *(rápido, indicando-a também ao Diretor)*
E ela não pode suportar isso, é claro!... *(Volta a referir-se ao Filho.)* Quer que o deixem de lado, diz que não entra nisso e, no entanto, quase que é ele o eixo da ação. Veja aquele rapazinho que está sempre junto da mãe, assustado, humilhado... É assim por causa dele! Talvez a situação mais penosa seja a sua: sente-se como se fosse um estranho, mais do que qualquer outro, e vive, coitadinho, numa angustiosa mortificação, por ter sido acolhido, em casa, assim, por compaixão... *(Confidencial.)* Parece-se, em tudo, com o pai! Humilde, não fala...

O DIRETOR
Eh, mas, para falar a verdade, isso não me agrada muito! O senhor não imagina as complicações que causam as crianças em cena...

O PAI
Oh, mas este acaba logo com a complicação, pode ficar tranqüilo. E aquela menina também, que é, além do mais, a primeira a ir embora...

O DIRETOR
Ótimo! Garanto-lhe que tudo isto me interessa... me

interessa, mesmo, muito. Percebo, vejo que é assunto de que se pode tirar um belo drama.

A ENTEADA (tenta intrometer-se)
Com uma personagem como eu! eu!

O PAI *(afastando-a, cheio de ansiedade pela decisão do Diretor)*
Cale a boca!

O DIRETOR *(continuando, sem fazer caso da interrupção)*
Novo, sim...

O PAI
Oh! Novíssimo, senhor!

O DIRETOR
Mas é preciso ter, de fato, coragem para vir pô-lo diante de mim, desse modo...

O PAI
O senhor compreende: nascidos, como fomos, para a cena...

O DIRETOR
São amadores?

O PAI
Não! Digo: nascidos para a cena... porque...

O DIRETOR
Ora, deixe-se disso! O senhor já deve ter representado!...

O PAI

Não, senhor: somente o que cada qual representa, no papel que escolheu ou que os outros lhe deram na vida. E depois, em mim, é a própria paixão — veja — que, apenas se exalta, torna-se sempre, por si mesma, um pouco teatral — como em todos...

O DIRETOR

Está bem, está bem. Mas, meu caro senhor, compreenderá que, sem o autor... — Eu poderia apresentá-lo a alguém...

O PAI

Não, não, escute: seja o senhor!

O DIRETOR

Eu? Mas que está dizendo?...

O PAI

Sim, o senhor, o senhor! Por que não?

O DIRETOR

Porque nunca fui autor, ora essa!

O PAI

E não o poderia ser agora!... Não é preciso nada! Há tantos que o são! E o seu trabalho seria ainda mais fácil, porque estamos todos aqui, vivos, diante do senhor.

O DIRETOR

Mas não basta!

O PAI

Como não basta? Vendo-nos viver o nosso drama...

O DIRETOR

Sim, mas é preciso, de qualquer modo, alguém que o escreva!...

O PAI

Não — que o transcreva, quando muito, tendo-o assim, diante de si, em ação, cena por cena. Bastará combinar, primeiro, apenas um roteiro, e ensaiar!

O DIRETOR *(subindo, tentado, para o palco)*

Hummm! O senhor quase, quase, me está tentando... Assim, por brincadeira... poderíamos, mesmo, experimentar.

O PAI

Sim, sim, meu senhor! Verá que cenas surgirão! Posso indicá-las já, se quiser!

O DIRETOR

Está me tentando... está me tentando... Vamos ver um pouco o que é que dá... Venha comigo ao meu camarim. *(Dirigindo-se aos Atores.)* Vocês estão livres, por um momento, mas não se afastem muito. Dentro de um quarto de hora, vinte minutos, estejam de novo aqui. *(Ao Pai)* Vejamos, vamos experimentar. Talvez consigamos tirar disso qualquer coisa de extraordinário...

O PAI

Sem dúvida! Será melhor fazê-los vir também, não acha? *(Indica as outras Personagens.)*

O DIRETOR

Sim, sim, venham, venham. *(Encaminha-se para sair,*

mas volta-se e dirige-se aos Atores.) Sejam pontuais, hein? Não esqueçam. Daqui a um quarto de hora. *(O Diretor sai e as Seis Personagens atravessam a cena e saem. Os atores, pasmados, ficam a olhar-se entre si.)*

O PRIMEIRO ATOR
Mas está falando sério? . . . Que quer fazer? . . .

O GALÃ
Isso é doidice, e da boa!

O TERCEIRO ATOR
Quer fazer-nos improvisar um drama, assim, do pé para a mão?

O GALÃ
Nem mais, nem menos! Como os atores da Commedia dell'Arte.

A PRIMEIRA ATRIZ
Ah! Se ele pensa que vou prestar-me a semelhante patacoada.

A INGÊNUA
E que não conte comigo, tampouco.

UM QUARTO ATOR
Gostaria de saber quem são aqueles lá. *(Aludindo às Personagens.)*

O TERCEIRO ATOR
Quem quer você que sejam? Doidos ou trapaceiros!

O GALÃ
E ele se presta a escutar o que dizem? . . .

A INGÊNUA
A vaidade! A vaidade de figurar como autor!

O PRIMEIRO ATOR
Contado, ninguém acredita! Se o teatro, meus amigos, vai reduzir-se a isso! . . .

UM QUINTO ATOR
A mim, me diverte!

O TERCEIRO ATOR
Eh! . . . Afinal de contas, vejamos o que sai daí . . .

(E, conversando assim entre si, os Atores sairão de cena: parte, pela portinha, ao fundo; parte, entrando em seus camarins.
O pano continua levantado.
A representação fica interrompida por vinte minutos, mais ou menos.)

A campainha do teatro avisará que o espetáculo vai recomeçar.

Dos camarins, da porta e também da sala voltarão para o palco os Atores, o Assistente, o Maquinista, o Ponto, o Contra-regra e, simultaneamente, do seu camarim, o Diretor com as Seis Personagens.

Apagadas as luzes da sala, o palco se iluminará com a mesma luz do ato anterior.

O DIRETOR

Vamos, vamos! Estamos todos aqui? Atenção, atenção! Vamos começar! — Maquinista!

O MAQUINISTA

Pronto!

O DIRETOR

Monte depressa o cenário da saleta. Bastam dois laterais e um fundo com a porta. Mas depressa, por favor!

(O Maquinista, rápido, vai cumprir a ordem e, enquanto o Diretor combina a re-

presentação iminente com o Assistente, o Contra-regra, o Ponto e os Atores, disporão aquele simulacro de cena que o Diretor determinou: dois laterais e um fundo com a porta de listras cor-de-rosa e ouro.)

O DIRETOR *(ao Contra-regra)*
Veja se há um divã na contra-regra.

O CONTRA-REGRA
Tem, sim senhor, aquele verde.

A ENTEADA
Não, não. Que o quê! Verde nada! Era amarelo, de pelúcia, com flores e muito grande. Comodíssimo!

O CONTRA-REGRA
Ah! Assim não tem.

O DIRETOR
Mas não importa. Ponha esse mesmo que está aí.

A ENTEADA
Não importa? Como? O famoso "ganha-pão" de Madama Pace?

O DIRETOR
É para ensaiar, agora. Por favor, não interfira. *(Ao Assistente)* Veja se há um armário envidraçado, de preferência comprido e baixo.

A ENTEADA
E a mesinha, a mesinha de mogno, para o envelope azul-claro...

O ASSISTENTE *(ao Diretor)*
Tem aquela pequena, dourada.

O PAI
O espelho grande, de moldura dourada.

A ENTEADA
E o biombo! Um biombo, por favor: senão, como me arranjo?...

O ASSISTENTE
Sim, senhor, biombos temos muitos; fique tranqüila.

O DIRETOR *(à Enteada)*
E depois alguns cabides de pé, não é?

A ENTEADA
Sim, muitos, muitos.

O DIRETOR *(ao Assistente)*
Veja quantos há e mande trazê-los.

O ASSISTENTE
Sim, senhor. Encarrego-me disso.

(O Assistente também sairá apressado para executar a ordem do Diretor; e, enquanto este continuará a falar com o Ponto e depois com as Seis Personagens e os Atores, fará transportar pelos Ajudantes de contra-regra os móveis indicados e os arrumará como lhe parecer mais conveniente.)

O DIRETOR *(ao Ponto)*
Você, enquanto isso, pode ir para o seu lugar. Olhe, este é o roteiro das cenas, ato por ato. *(Entrega-lhe algumas folhas de papel.)* Mas agora é preciso que faça uma proeza.

O PONTO
Qual? Estenografar?

O DIRETOR *(com alegre surpresa)*
Oh, esplêndido! Você sabe estenografia?

O PONTO
Talvez não saiba apontar, mas estenografar... *(Dirigindo-se a um dos Ajudantes de contra-regra)* Vá ao meu camarim e traga-me papel muito, muito... todo o papel que encontrar.

(O Ajudante sairá correndo e voltará pouco depois, com um bom maço de folhas de papel que entregará ao Ponto.)

O DIRETOR *(continuando, ao Ponto)*
Siga as cenas, à medida que forem sendo representadas, e procure escrever as falas, ao menos as mais importantes. *(Depois, dirigindo-se aos Atores)* Vocês saiam daí, por favor. Olhem, vão para aquele lado e prestem bem atenção. *(Indicará a sua esquerda.)* Fiquem bem atentos!

A PRIMEIRA ATRIZ
Mas, com licença, nós...

O DIRETOR *(antecipa-se)*
Não terão que improvisar, pode ficar tranqüila!

O PRIMEIRO ATOR
E que temos que fazer?

O DIRETOR
Nada! Fiquem ouvindo e vendo, por enquanto. Depois, cada qual terá o seu papel escrito. Agora vamos fazer assim, de qualquer jeito, um ensaio. *(Indicando as Personagens)* Eles é que o farão.

O PAI *(como caído das nuvens, em meio à confusão do palco)*
Nós? Um ensaio? Desculpe, mas o que quer dizer?

O DIRETOR
Um ensaio... um ensaio para eles. *(Aponta os Atores.)*

O PAI
Mas, se nós somos as personagens..

O DIRETOR
Sim, está certo, "as personagens". Mas, aqui, meu caro senhor, quem representa não são as personagens. Quem representa aqui são os atores. As personagens ficam ali, no texto *(indica a caixa do Ponto)*... quando há um texto!

O PAI
Precisamente! Já que não há e coube aos senhores a sorte de tê-las aqui, vivas, diante de si, as personagens...

O DIRETOR
Ora essa! E queriam fazer tudo sozinhos? Representar, apresentar-se diante do público?...

O PAI
Isso mesmo! Assim, como somos.

O DIRETOR
Ah! Garanto-lhes que dariam um belíssimo espetáculo

O PRIMEIRO ATOR
E nós então, que é que ficamos fazendo aqui?...

O DIRETOR
Decerto não pensam que sabem representar, não é? Fariam rir muito... *(Os Atores, de fato riem.)* Vê? Estão rindo! *(Lembra.)* A propósito, é preciso distribuir os papéis. *(À Segunda Atriz)* A senhora será a Mãe. *(Ao pai)* Temos que procurar-lhe um nome.

O PAI
Amália, senhor.

O DIRETOR
Mas esse é o nome da sua esposa. Não queremos chamá-la pelo seu nome verdadeiro.

O PAI
E por que não, desculpe, se é assim que se chama? Em todo o caso, se deve ser a senhora... *(Indicará, com leve aceno de mão, a Segunda Atriz.)* Eu vejo esta *(indicará a Mãe)* como Amália. Mas o senhor fará como entender. *(Cada vez mais perturbado.)* Não sei mais o que dizer-lhe... Começo já a ouvir como se fossem falsas, com outro som, as minhas próprias palavras...

O DIRETOR
Oh, mas não se preocupe, não se preocupe por causa

disto. Nós trataremos de encontrar o tom justo. E, no que se refere ao nome, se o senhor quer "Amália", será Amália, ou acharemos outro. Por enquanto, chamaremos as personagens assim. *(Ao Galã)* Você, o Filho; *(à Primeira Atriz)* a senhora, é claro, a Enteada.

A ENTEADA (divertida)
O quê? Como? Eu, aquela ali? *(Ri.)*

O DIRETOR *(irritado)*
Que é que achou nisso para rir?

A PRIMEIRA ATRIZ (indignada)
Ninguém ousou, jamais, rir de mim! Exijo que me respeitem, senão vou embora!

A ENTEADA
Oh, não! Desculpe, não estou rindo da senhora.

O DIRETOR *(à Enteada)*
Devia sentir-se muito honrada em ser representada por ...

A PRIMEIRA ATRIZ (cortando, com desdém.)...
... "aquela ali".

A ENTEADA
Não me referi à senhora, acredite! Dizia por mim mesma, que não me vejo, em absoluto, na senhora... é isso. Não sei... não... não se parece em nada comigo.

O PAI
Sim, é isso: veja, senhor. A nossa expressão...

O DIRETOR

. . . mas que expressão é essa! Pensam que a têm em vocês mesmos, a expressão? Qual nada!

O PAI

Como? Não temos a nossa expressão? . . .

O DIRETOR

Qual nada! Aqui ela se torna matéria à qual dão corpo e aspecto, voz e gesto, os atores que, não o esqueça, têm sabido dar expressão a matéria bem mais alta. A de vocês é tão pequena que, caso se mantenha em cena, o mérito — pode crer! — caberá inteiramente aos meus atores.

O PAI

Não me atrevo a contradizê-lo. Creia, porém, que é um sofrimento horrível para nós que somos assim como nos vê, com este corpo, com este aspecto . . .

O DIRETOR *(cortando impaciente)*

Isso se arranja com a caracterização, dá-se um jeito com a maquilagem, meu caro senhor, no que se refere ao aspecto! . . .

O PAI

Sim, mas a voz, o gesto . . .

O DIRETOR

Oh! em conclusão: aqui o senhor, tal como é, não pode ser! Aqui está o ator que o representa, e basta!

O PAI

Compreendi, senhor. E agora começo talvez a perceber

também por que o nosso autor, que nos viu vivos, assim, não quis depois compor-nos para a cena. Não desejo, de modo algum, ofender os seus atores, Deus me livre! Mas penso que, ver-me agora representando . . . não sei por quem . . .

O PRIMEIRO ATOR *(levantando-se com altivez e indo-lhe ao encontro, seguido pelas alegres Atrizes jovens, que riem)*

Por mim, se não lhe desagrada!

O PAI *(humilde e melífluo)*

Ficaria muito honrado, senhor. *(Inclina-se.)* Mas veja: parece-me que, por mais que se esforce, com toda a sua boa vontade e sua arte, em acolher-me em si . . . *(Hesita, confuso.)*

O PRIMEIRO ATOR

Acabe, acabe.

(Riso das Atrizes.)

O PAI

Eh! Quero dizer . . . a representação que fará, mesmo pondo em prática todos os recursos de caracterização para ficar parecido comigo . . . acho que, com essa altura . . . *(todos os Atores riem)* dificilmente poderá ser uma representação de mim, como realmente sou. Será, antes — pondo de parte o aspecto — será, mais exatamente, como lhe parece que sou, como o senhor me sente — se é que me sente — e não como eu me sinto, dentro de mim. E acho que isto deve ser levado em conta por quem for chamado a julgar-nos.

O DIRETOR

Já está pensando na opinião da crítica? E eu, que ainda estava a escutar! Deixe que a crítica diga o que quiser. E trataremos nós de pôr a peça em pé, se o conseguirmos! *(Afastando-se e olhando em redor)* Vamos, vamos! Já está pronta a cena? *(Aos Atores e às Personagens)* Afastem-se, afastem-se! Deixem-me ver. *(Desce do palco.)* Não percamos mais tempo! *(À Enteada)* Acha que a cena está bem assim?...

A ENTEADA

Eh!... Para falar a verdade, eu aqui não me encontro.

O DIRETOR

E voltamos à mesma tecla! Não vai pretender que se lhe construa aqui, tal qual era, aquela mesma saleta que a senhora conhece, no fundo da loja da Madama Pace. *(Ao Pai)* O senhor disse-me que era uma saleta forrada de papel floreado, não foi?...

O PAI

Sim, senhor. Branca.

O DIRETOR

Não é branca, é listrada, mas pouco importa. Quanto aos móveis, acho que estamos mais ou menos arranjados. Aquela mesinha, tragam-na um pouco mais para cá, à frente.

(Os Ajudantes da contra-regra executam a ordem.)

O DIRETOR *(ao Contra-regra)*

Enquanto isso, providencie um envelope, se possível azul-claro, e entregue-o ao senhor. *(Indica o Pai.)*

O CONTRA-REGRA

De carta?

O DIRETOR E O PAI

De carta, sim, de carta.

O CONTRA-REGRA

Agora mesmo. *(Sai.)*

O DIRETOR

Vamos, vamos! A primeira cena é da Enteada. *(A Primeira Atriz adianta-se.)* Não, não, a senhora espera. Referia-me à Enteada. *(Indica a Enteada.)* A senhora fique vendo...

A ENTEADA (acrescentando, rápida)

... como eu a vivo!

A PRIMEIRA ATRIZ (Ressentida.)

Eu também saberei vivê-la, não tenho dúvida, assim que a começar!

O DIRETOR *(com as mãos na cabeça)*

Meus senhores, vamos parar com esse falatório. A primeira cena, então, é da Enteada com Madama Pace. Oh! *(Fica confuso, olhando em redor e tornando a subir ao palco.)* E essa Madama Pace?

O PAI
Não está conosco, senhor.

O DIRETOR
E como vamos fazer?

O PAI
Mas está viva — viva, ela também!

O DIRETOR
Sim! Mas onde?

O PAI
Deixe-me dizer-lhe. *(Voltando-se para as Atrizes)* Se as senhoras quisessem fazer-me a fineza de dar-me, por um instante, os seus chapéus...

AS ATRIZES (um pouco perplexas, um pouco rindo em coro)
Os chapéus? Que está dizendo?... — Para quê!... — Ora, vejam só!...

O DIRETOR
Que quer fazer com os chapéus das senhoras?...

(Os Atores riem.)

O PAI
Oh, nada demais! Pendurá-los, por um momento, nesses cabides. E alguma, se for tão gentil, que tire também o mantô.

OS ATORES *(rindo)*
O mantô também?

E depois?
Deve ser doido!...

ALGUMAS ATRIZES (idem)
Mas, para quê?
Só o mantô?...

O PAI
Para pendurá-los, um momentinho... Façam-me esse favor, querem?...

AS ATRIZES (tirando os chapéus — e algumas também os mantôs — continuam a rir, indo pendurá-los cá e lá nos cabides)
E por que não?
Cá está!
Mas vejam que é mesmo engraçado!
Devemos pô-los em exposição?

O PAI
Isso! Minha senhora — exatamente isso: assim; em exposição!

O DIRETOR
Mas para fazer o que com eles, pode-se saber?...

O PAI
Pois não, senhor. Talvez, preparando-lhe melhor a cena, atraída pelos próprios objetos de seu comércio, quem sabe se não surgirá entre nós... *(Convidando a olharem para a porta, ao fundo do palco.)* Vejam! Vejam!...

(A porta ao fundo do palco se abre e por ela avança, poucos passos, Madama

Pace, megera obesa, com uma pomposa peruca de lã cor de cenoura e uma rosa flamejante ao lado, à espanhola. Toda pintada, vestida com elegância ridícula e vulgar, de berrante seda vermelha, traz, numa das mãos, um leque de plumas e, na outra, levantada, seguro entre os dois dedos, o cigarro aceso. Os Atores e o Diretor, mal a vêem, fogem do palco em tropel, soltando gritos de espanto, e precipitam-se pela escadinha abaixo, com o intuito de escapar pelo corredor. A Enteada, entretanto, corre ao encontro de Madama Pace, humilde, como se estivesse diante de sua patroa.)

A ENTEADA (correndo)
Aqui está ela! Aqui está ela!

O PAI *(radiante)*
É ela! Eu não dizia? Cá está ela.

O DIRETOR *(dominando o primeiro susto, indignado)*
Mas que truques são estes?

O PRIMEIRO ATOR *(quase ao mesmo tempo)*
Mas onde estamos, afinal de contas?

O GALÃ *(idem)*
De onde saiu aquela ali?

A INGÊNUA (idem)
Eles a tinham de reserva!

A PRIMEIRA ATRIZ (idem)
Mas isto é um jogo de mágica!

O PAI *(dominando os protestos)*
Com licença! Por que querem estragar, em nome de uma verdade vulgar, de fato, este prodígio de uma realidade que nasce, evocada, atraída, formada pela própria cena e que tem mais direito de viver aqui do que os senhores, porque é muito mais verdadeira que os senhores? Que atriz, entre as presentes, fará Madama Pace? Pois bem: Madama Pace é aquela! Concordarão comigo em que a atriz que a representar será menos verdadeira do que aquela — que é ela em pessoa! Olhem: minha filha a reconheceu e foi logo para junto dela. Fiquem vendo a cena.

(Hesitantes, o Diretor e os Atores tornarão a subir ao palco.

Mas, durante o protesto dos Atores e a resposta do Pai, a cena entre a Enteada e Madama Pace já terá começado em voz baixa, pianíssimo, em suma, naturalmente, como não seria possível que acontecesse num palco. De modo que, quando os Atores, chamados à atenção pelo Pai, se voltam para olhar, vêem Madama Pace que já terá posto uma das mãos sob o queixo da Enteada para fazê-la levantar a cabeça, e percebem que ela está falando de maneira absolutamente ininteligível. Ficam por um momento atentos. Depois, logo após, desiludidos.)

O DIRETOR
E então?

O PRIMEIRO ATOR
Mas que estão dizendo?

A PRIMEIRA ATRIZ
Assim, não se ouve nada.

O GALÃ
Mais alto! Mais alto!

A ENTEADA (deixando Madama Pace, que sorri com um sorriso impagável, e vindo em direção ao grupo dos Atores)
"Mais alto", pois sim! Alto o quê? Não são, em absoluto, coisas que se possam dizer alto! Pude eu dizê-las alto para a vergonha dele *(indica o Pai)*, que é a minha vergonha! Mas, para Madama Pace, é outra coisa, senhores: é a cadeia!

O DIRETOR
Ora essa! Ah! É assim? Mas aqui é preciso que se façam ouvir, minha cara senhora! Nem nós que estamos no palco ouvimos! Imaginem quando estiver o público no teatro! É preciso fazer a cena. E, além do mais, bem que podem falar alto entre si, porque nós não estaremos aqui, como agora, a ouvir. Finjam que estão a sós, num quarto, na saleta dos fundos da loja, onde ninguém as ouve.

(A Enteada graciosamente, sorrindo com malícia, faz várias vezes o gesto de não com o dedo.)

O DIRETOR
Por que não?

A ENTEADA (em voz baixa, misteriosa)
Há alguém que nos ouve, senhor, se ela *(indica Madama Pace)* falar alto!

O DIRETOR *(consternadíssimo)*
Vai aparecer ainda mais alguém?...

(Os Atores estão para iniciar nova fuga do palco.)

O PAI
Não, não, senhor. Refere-se a mim. Devo estar à espera, lá atrás daquela porta, e Madama Pace o sabe. Por isso, dêem-me licença. Vou para ficar logo no meu lugar. *(Encaminha-se para a porta.)*

O DIRETOR *(fazendo-o parar)*
Não, não, espere. Aqui é preciso respeitar as exigências do teatro! Antes que o senhor esteja pronto...

A ENTEADA (cortando)
Ah, sim, depressa, depressa!... Estou morrendo, garanto-lhe, de impaciência de viver, de viver esta cena. Se ele quiser aprontar-se agora mesmo, eu já estou mais que pronta!

O DIRETOR *(gritando)*
Mas é preciso que se faça, antes, bem clara, a cena entre a senhora e aquela ali. *(Indica Madama Pace.)* Quer fazer o favor de compreender isso?

A ENTEADA
Oh, meu Deus, ela me disse o que o senhor já sabe: que,

mais uma vez, o trabalho de mamãe está mal feito; que o vestido está estragado e que é necessário que eu tenha paciência, se quero que continue a ajudar-nos, na nossa miséria.

MADAMA PACE (adiantando-se com ar de grande importância)
E esto, señor, porque yo no quero aprovechar-me... aventajar-me...

O DIRETOR *(quase aterrorizado)*
O quê? Como? Fala assim?...

(Todos os Atores desatam a rir fragorosamente.)

A ENTEADA (rindo também)
Sim, senhor. Fala assim, meio espanhol, meio em nossa língua, de um modo engraçadíssimo!

MADAMA PACE
Ah! Nô me parece de boa educación que se riam de mim, si yo me esfuerço de falar su idioma, como pôdo, señor!

O DIRETOR
Oh, não! Muito ao contrário. Fale assim, fale assim, minha senhora. Efeito seguro! Não se poderia achar nada melhor para quebrar, com um pouco de comicidade, a crueza da situação. Fale, fale assim! Está ótimo!

A ENTEADA
Ótimo! E como não? Ouvir que nos fazem, em tal linguagem, certas propostas... efeito seguro, porque parece quase brincadeira, senhor! Não há quem fique sério, ouvindo dizer que é um "viejo señor" que quer "divertir-se um poquito contigo" — não é verdade, Madama...

MADAMA PACE
Viejito, isso mismo! Viejito, linda! Mas mejor para ti, que si no te dá gusto, te traz prudência!

A MÃE (insurgindo-se, em meio ao espanto e à consternação de todos os Atores, que não cuidavam nela e agora saltarão, ao seu grito, para segurá-la, rindo, pois ela, nesse meio tempo, arrancou a peruca de Madama Pace e jogou-a ao chão)
Bruxa! Bruxa! Assassina! A minha filha!

A ENTEADA (corre, segura a Mãe)
Não, não, mamãe, não! Pelo amor de Deus!

O PAI *(corre ao mesmo tempo)*
Fique quieta, fique quieta! Sente-se!

A MÃE
Mas tirem-na, então, da minha frente.

A ENTEADA (ao Diretor, que também acorreu)
Não é possível, não é possível que mamãe esteja aqui!

O PAI *(também ao Diretor)*
Não podem estar juntas! E por isso — vê o senhor — aquela ali, quando viemos, não veio conosco! Estando juntas, forçosamente se antecipa tudo, compreende?...

O DIRETOR

Não importa! Não importa. Por enquanto, é como um primeiro esboço. Tudo serve, para que eu colha, mesmo assim, confusamente, os vários elementos. *(Voltando-se para a Mãe e conduzindo-a de novo ao seu lugar, para fazê-la sentar)* Venha, venha, minha senhora, acalme-se, acalme-se, sente-se, por favor.

(Entretanto a Enteada vai novamente ao meio da cena e volta-se para Madama Pace.)

A ENTEADA

Então, Madama, vamos começar?...

MADAMA PACE (ofendida)

Ah, no! Tantas gracias! Yo aqui no me fico ni mas um momentito, con tua madre presente.

A ENTEADA

Ora, deixe-se disso! Faça entrar esse "viejo señor, para que se divierta comigo". *(A todos, imperiosa)* Afinal, é preciso fazer esta cena! Vamos, adiante! *(A Madama Pace)* A senhora, vá embora.

MADAMA PACE

Ah, me voi, me voi, me voi seguramente... *(Sai furiosa, apanhando a peruca e olhando com arrogância os Atores, que aplaudem, fazendo troça.)*

A ENTEADA (ao Pai)

O senhor faça a sua entrada. Não precisa dar a volta. Venha cá! Finja que já entrou. Eu fico aqui, de cabeça

baixa — modesta! Vamos! Fale alto! Diga-me, com voz nova, como quem vem de fora — "Bom dia, senhorinha..."

O DIRETOR *(que já desceu do palco)*

Oh, mas vejam só! Afinal, quem é que dirige: a senhora ou eu? *(Ao Pai, que olha surpreso e perplexo)* Pode sim. Vá lá no fundo, sem sair e volte.

(O Pai executa a indicação, quase amedrontado. Palidíssimo, mas já penetrado pela realidade da vida, corre, aproximando-se do fundo, como alheio ainda ao drama que está prestes a desabar-lhe em cima. Os Atores ficam imediatamente atentos à cena que começa.)

O DIRETOR *(baixo, apressado, ao Ponto na caixa)*

E você, atenção! Atenção agora, para escrever!

A CENA

O PAI *(adiantando-se outra vez)*

Bom dia, senhorinha.

A ENTEADA (de cabeça baixa, com repulsa contida)

Bom dia.

O PAI *(olha-a um pouco por baixo do chapéu que quase lhe esconde o rosto, e, percebendo que ela é ainda muito jovem, exclama, quase para si, um pouco com satisfação, um pouco também com temor de se comprometer numa aventura arriscada)*

Oh, mas... não é a primeira vez que vem cá, não é verdade?...

A ENTEADA (como antes)
Não, senhor.

O PAI
Veio alguma outra vez? *(E já que a Enteada faz sinal que sim, com a cabeça.)* Mais de uma?... *(Espera um pouco pela resposta. Torna a olhá-la por baixo do chapéu, sorri e depois diz)* Então? Vamos! Não devia mais ser assim... Dá licença de que lhe tire o chapéu?...

A ENTEADA (rápida, para evitá-lo, não contendo a aversão)
Não, senhor! Eu mesma o tiro! *(Tira o chapéu, apressada, trêmula.)*

(A Mãe, assistindo à cena com o Filho e os dois menores que são mais seus e permanecem sempre junto dela, no lado oposto ao dos Atores, está como sobre espinhos e acompanha com expressões várias de dor, de desdém, de ânsia, de horror, as palavras e as ações do Pai e da Enteada. Ora esconde o rosto nas mãos, ora deixa escapar alguns gemidos.)

A MÃE
Oh, meu Deus! Meus Deus!

O PAI *(ao ouvir a exclamação, fica como petrificado, durante um longo momento; depois torna a falar com o tom de antes)*

Agora, dê-me. Eu o penduro. *(Tira-lhe das mãos o chapéu.)* Numa linda, numa adorável cabecinha como a sua, eu gostaria que estivesse um chapéu mais digno dela. Quer ajudar-me a escolher um, depois, entre estes aqui, da Madama?... Não?...

A INGÊNUA (interrompendo)
Eh, devagar com isso! Esses chapéus são nossos!

O DIRETOR *(rápido, irritadíssimo)*
Silêncio, com todos os diabos! Não se faça de engraçada! Esta é a cena! *(Voltando-se para a Enteada)* Queira continuar, por favor!

A ENTEADA (continuando)
Não, obrigada, senhor.

O PAI
Oh, não me diga que não! Vai dar-me o prazer de aceitá-lo, senão, ficarei sentido... há uns bem bonitos, veja! E, depois, deixaremos Madama contente. Ela os põe aqui de propósito, em exposição.

A ENTEADA
Não, não senhor, olhe: não poderia usá-lo.

O PAI
Diz isso por causa do que pensariam em sua casa, vendo-a voltar com um chapéu novo? Ora, sabe como se faz? O que é que se diz em casa?

A ENTEADA (impaciente, não agüentando mais)
Não é por isso. Não poderia usá-lo porque estou... as-

sim, como o senhor me vê! Já podia ter notado! *(Mostra o vestido negro.)*

O PAI
Ah, de luto! Desculpe-me! É verdade: percebo, agora. Peço-lhe perdão. Acredite que estou verdadeiramente aborrecido.

A ENTEADA (fazendo-se ousada e esforçando-se por vencer o desdém e a náusea)
Basta, basta, senhor! Cabe a mim agradecer-lhe, e não ao senhor, aborrecer-se ou afligir-se. Não faça mais caso, do que lhe disse, por favor. Também por mim, compreende? *(Tenta sorrir e acrescenta)* É preciso mesmo que eu não me lembre que estou vestida assim.

O DIRETOR *(interrompendo, falando ao Ponto na caixa e tornando a subir ao palco)*
Espere, espere! Não escreva, deixe fora, deixe fora esta última fala. *(Voltando-se para o Pai e a Enteada)* Está muito bom! Está ótimo! *(Depois, só ao Pai)* Daqui o senhor depois continua, conforme combinamos. *(Aos Atores.)* Deliciosa, esta cenazinha do chapéu, não acham?...

A ENTEADA
Eh, mas o melhor vem agora. Por que não continuamos?...

O DIRETOR
Tenha paciência, um momento. *(Voltando-se de novo para os Atores)* Temos que fazê-la, naturalmente, com um pouco de leveza...

O PRIMEIRO ATOR
... de desenvoltura.

A PRIMEIRA ATRIZ
Sim, sim, não precisamos de mais nada. *(Ao Primeiro Ator)* Podemos ensaiá-la já, não acha?

O PRIMEIRO ATOR
Por mim, estou pronto. Vou dar a volta, para fazer a entrada. *(Sai a fim de ficar pronto para entrar de novo pela porta do fundo do cenário.)*

O DIRETOR *(à Primeira Atriz)*
E agora, pois, veja bem: acabou a cena entre a senhora e aquela Madama Pace, que me encarrego de escrever depois. A senhorita está... Não... aonde vai?

A PRIMEIRA ATRIZ
Um momento. Vou pôr o chapéu... *(Vai buscar o chapéu no cabide.)*

O DIRETOR
Ah, muito bem! Então, a senhora está aqui, de cabeça baixa.

A ENTEADA (divertida)
Mas... se não está vestida de negro!

A PRIMEIRA ATRIZ
Estarei vestida de negro, e com muito mais propriedade que a senhora!

O DIRETOR *(à Enteada)*
Não fale, por favor! E fique vendo! Terá o que apren-

der! *(Batendo as mãos)* Vamos! Vamos! A entrada!... *(Desce do palco, para ter a impressão da cena.)*

(Abre-se a porta do fundo e vem à frente o Primeiro Ator, com ar desenvolto, gaiato, dum velhote galante. A representação da cena executada pelos Atores parece, desde as primeiras falas, uma coisa diferente, mas sem ter o ar duma paródia: parecerá, melhor, "passada a limpo". Naturalmente, a Enteada e o Pai, não podendo reconhecer-se naquela Primeira Atriz e naquele Primeiro Ator, ouvindo-os dizer as suas próprias palavras, expressarão de vários modos, ora com gestos, ora com sorrisos, ora com franco protesto, a impressão de surpresa, de espanto, de sofrimento, etc., que eles lhe dão, conforme se verá a seguir. Ouvir-se-á da caixa, claramente, a voz do Ponto.)

O PRIMEIRO ATOR
"Bom dia, senhorinha..."

O PAI *(de repente, sem poder conter-se)*
Oh, não!...

(Entrementes, a Enteada, ao ver o Primeiro Ator entrar daquela maneira, riu.)

O DIRETOR *(furioso)*
Façam silêncio! E a senhora, acabe com esse riso de uma vez por todas! Assim, não é possível continuar.

A ENTEADA (vindo ao proscênio)
Desculpe, senhor, mas é naturalíssimo. A senhorinha *(indica a Primeira Atriz)* está ali, quieta em seu lugar. Mas, se ela deve ser eu, posso garantir-lhe que, ao ouvir alguém dizer-me "bom dia", daquele modo e naquele tom, desataria a rir, exatamente assim, como eu o fiz!

O PAI *(adiantando-se também, um pouco)*
É isso mesmo... o ar, o tom...

O DIRETOR
Mas que ar! Que tom! Fiquem de parte agora e deixem-me ver o ensaio.

O PRIMEIRO ATOR *(vindo à frente)*
Se devo representar um velho, que vem a uma casa equívoca...

O DIRETOR
Pois é! Não faça caso, por favor. Recomece, que vai muitíssimo bem! *(À espera de que o Primeiro Ator recomece.)* Então...

O PRIMEIRO ATOR
"Bom dia, senhorinha..."

A PRIMEIRA ATRIZ
"Bom dia..."

O PRIMEIRO ATOR *(refazendo o gesto do Pai, de olhar por baixo do chapéu, mas exprimindo depois, de modo muito diferente, primeiro, a satisfação e, a seguir, o temor)*

"Oh! Mas... não é a primeira vez que vem cá... Qual é a sua idade?..."

O PAI *(corrigindo, sem poder conter-se)*
Não: "qual é sua idade", não; "não é verdade?", "não é verdade?"...

O DIRETOR
Ele diz: "não é verdade" — interrogação.

O PRIMEIRO ATOR *(indicando o Ponto)*
Eu ouvi: "qual é sua idade".

O DIRETOR
Sim, está bem! "Não é verdade" ou "qual é sua idade", no fim, dá certo. Continue, continue. — Olhe, talvez um pouco menos afetado... Preste atenção: eu vou fazê-lo para que veja como é... *(Sobe ao palco de novo e faz o papel desde a entrada.)* "Bom dia, senhorinha".

A PRIMEIRA ATRIZ
"Bom dia".

O DIRETOR
"Oh!... Mas..." *(Dirigindo-se ao Primeiro Ator, para fazer-lhe ver o modo como deve olhar a Primeira Atriz, sob o chapéu.)* Surpresa... temor e satisfação... *(Depois continua, dirigindo-se à Primeira Atriz.)* "Não é a primeira vez que vem cá, não é verdade?" *(Voltando-se de novo para o Primeiro Ator, com um olhar de inteligência.)* Está clara a explicação?... *(À Primeira Atriz)* E a senhora, então: "Não senhor". *(De novo ao Primeiro Ator)* Enfim... como dizer... *Souplesse!*

(Desce do palco.)

A PRIMEIRA ATRIZ
"Não, senhor..."

O PRIMEIRO ATOR
"Veio alguma outra vez? mais de uma?..."

O DIRETOR
Não, não, espere! Deixe primeiro que ela *(indica a Primeira Atriz)* faça sinal que sim. "Veio alguma outra vez?..."

(A Primeira Atriz levanta um pouco a cabeça, entrecerrando penosamente os olhos, como por aversão, e, depois de ouvir um "Baixe" do Diretor, deixa cair duas vezes a cabeça.)

A ENTEADA (sem poder conter-se)
Santo Deus! *(E leva rapidamente uma das mãos à boca, para impedir o riso.)*

O DIRETOR *(volta-se)*
O que é?

A ENTEADA (rápida)
Nada, nada!

O DIRETOR *(ao Primeiro Ator)*
É sua vez, é sua vez, continue.

O PRIMEIRO ATOR

Mais de uma? Então? Vamos!... Não devia mais ser assim... Dá licença de que lhe tire o chapéu?...

(O Primeiro Ator diz esta última fala com tal tom e acompanhada com tal gesto, que a Enteada, que ficara com a mão na boca, por mais que se esforce, não consegue conter o riso, o qual lhe explode por entre os dedos, irresistível, estrepitoso.)

A PRIMEIRA ATRIZ (indignada, voltando ao seu lugar)

Ah! Não estou aqui para me fazer de palhaça para essa mocinha aí!

O PRIMEIRO ATOR

Nem eu tampouco! Acabou-se!

O DIRETOR *(à Enteada, berrando)*

Pare com isso! Pare com isso!

A ENTEADA

Sim, senhor — perdoe-me, perdoe-me...

O DIRETOR

A senhora é uma mal-educada. Isso é que a senhora é. Uma presunçosa!

O PAI *(intervindo)*

Sim, senhor, é verdade, é verdade. Mas desculpe-a...

O DIRETOR *(sobe ao palco)*

Que quer que desculpe? É uma indecência!

O PAI

Tem razão, mas creia, acredite, faz um efeito tão estranho...

O DIRETOR

Estranho? Estranho... o quê? Por que estranho?...

O PAI

Admiro, senhor, admiro os seus atores: o senhor, ali *(indica o Primeiro Ator)*, a senhora *(indica a Primeira Atriz)*, mas, certamente... que quer?... não são nós...

O DIRETOR

Eh! Acredito! Como quer que sejam "vocês", se são os atores?...

O PAI

Exatamente, os atores! E ambos interpretam bem os nossos papéis. Creia, porém, que a nós nos parece outra coisa, que quer ser a mesma e, no entanto, não é.

O DIRETOR

Como não é? Que é, então?...

O PAI

Uma coisa... que se torne deles... e não é mais nossa.

O DIRETOR

Mas é claro! Tem que ser assim! Já lhe disse isso!

O PAI

Sim, compreendo, compreendo...

O DIRETOR

E então, basta! *(Aos Atores)* Quer dizer que faremos os ensaios depois, entre nós, como devem ser feitos. Para mim, foi sempre uma maldição ensaiar diante dos autores. Jamais estão satisfeitos! *(Ao Pai e à Enteada)* Vamos... Continuemos com vocês... e vejamos se é possível que a senhora não ria mais.

A ENTEADA

Ah, não rirei mais, não rirei mais. Agora vem o melhor para mim, pode ter certeza.

O DIRETOR

Então, quando a senhora diz: "Não faça mais caso, por favor, do que lhe disse... Também por mim, compreende?", *(ao Pai)* é preciso que o senhor ataque logo: "Compreendo, ah! compreendo..." e que pergunte imediatamente.

A ENTEADA (cortando)

Como? Pergunte o quê?

O DIRETOR

O motivo do seu luto!

A ENTEADA

Não, senhor, não pode ser. Escute: quando eu lhe disse que precisava não me lembrar que estava vestida assim, sabe o que ele me respondeu? "Ah, está bem! Então vamos tirar, vamos tirar depressa esse vestidinho!"

O DIRETOR

Lindo! Ótimo! Diz isso para mandar o teatro todo pelos ares?

A ENTEADA

Mas é a verdade!

O DIRETOR

Que verdade, faça-me o favor! Aqui estamos no teatro! A verdade, até certo ponto!...

A ENTEADA

Desculpe; mas que quer o senhor fazer, então?

O DIRETOR

Vai ver, vai ver! Deixe por minha conta agora!...

A ENTEADA

Não, senhor! Da minha náusea, de todas as razões, cada qual mais cruel e mais vil do que a outra, e que fizeram de mim "esta" que sou, "assim" como sou, quer o senhor tirar uma chinfrinadazinha romântico-sentimental, em que ele me pergunta o motivo do meu luto, e eu lhe respondo, choramingando, que há dois meses morreu o meu papaizinho? Não, não, meu caro senhor. É preciso que ele me diga o que me disse: "Então, vamos tirar, vamos tirar depressa esse vestidinho!" E eu, com todo o meu luto no coração, com o meu luto de apenas dois meses, fui para lá — está vendo? — para lá, atrás daquele biombo, e, com estes dedos que me tremem de vergonha e de nojo, desabotoei o corpete, o vestido...

O DIRETOR *(com as mãos nos cabelos)*

Pelo amor de Deus! Que está dizendo?...

A ENTEADA (gritando frenética)

A verdade, senhor, a verdade!

O DIRETOR

Sim, não nego, será a verdade... e compreendo, compreendo todo o seu horror; mas, compreenda, também a senhora, que tudo isso não é possível, em cena!...

A ENTEADA

Não é possível? Então, muito obrigada. Não entro nisso

O DIRETOR

Mas, não... veja...

A ENTEADA

Não entro! Não entro! O que é possível em cena vocês dois juntos o combinaram lá dentro. Obrigada! Compreendo muito bem! Ele quer chegar logo à representação *(acentuando)* dos seus tormentos espirituais; mas eu quero representar o meu drama! O meu!

O DIRETOR *(aborrecido, movendo-se com vivacidade)*

Oh, enfim, o seu! Não é somente o seu, desculpe! É também o dos outros! O dele *(indica o Pai)*, o da sua mãe! Não é possível que uma personagem venha, assim, demasiado à frente, e se sobreponha às demais, invadindo a cena. É preciso mantê-las todas num quadro harmonioso e represntar o que é representável! Eu também sei que cada qual tem toda uma vida dentro de si, e que gostaria de exteriorizá-la. Mas o difícil é exatamente isto: exteriorizar só aquilo que é necessário em relação aos demais; e, apenas com esse pouco, fazer compreender toda a outra vida que permanece no íntimo, sem vir à tona! Ah! Que cômodo seria, se cada personagem pudesse, num belo monólogo, ou... sem mais nem menos... numa conferência, vir despejar, diante do público, tudo o que lhe ferve por dentro! *(Bonacheirão, conciliatório.)* Pre-

cisa conter-se, em seu próprio interesse, acredite, porque pode até provocar má impressão, advirto-a, toda essa fúria dilacerante, essa aversão exasperada, quando a senhora mesma, desculpe-me, confessou ter estado, antes de conhecê-lo, com outros homens, em casa de Madama Pace, e por mais de uma vez!

A ENTEADA (baixando a cabeça, com voz profunda, depois de uma pausa)

É verdade! Mas pense que aqueles outros são também ele para mim.

O DIRETOR *(sem entender)*

Como, os outros?... Que quer dizer?...

A ENTEADA

Para quem cai em culpa, senhor, o responsável por todas as culpas que se seguem não é sempre o que causou a primeira queda? E, para mim, é ele, mesmo antes de eu nascer. Olhe-o e veja se não é verdade!

O DIRETOR

Muito bem! E lhe parece pouco o peso de tanto remorso sobre ele? Dê-lhe oportunidade de representá-lo!

A ENTEADA

E como — permita-me que lhe diga — como poderia representar todos os seus "nobres" remorsos, todos os seus tormentos "morais", se o senhor quer poupar-lhe o horror de ter encontrado, num belo dia, em seus braços, depois de tê-la convidado a tirar a roupa de seu luto recente, mulher e já caída, aquela menina, senhor, aquela menina que ele ia ver sair da escola?... *(Diz estas últimas palavras com trêmula comoção.)*

(A Mãe, ao ouvi-la falar assim, vencida por um ímpeto de angústia incontida que se manifesta, a princípio, por alguns gemidos sufocados, termina num pranto irreprimível. A comoção apodera-se de todos. Longa pausa.)

A ENTEADA (assim que a Mãe começa a acalmar-se, acrescenta, sombria e resoluta)
Estamos aqui agora entre nós, ignorados ainda do público. Amanhã, o senhor dará de nós o espetáculo que melhor lhe aprouver, arranjado como bem lhe parecer. Mas, quer ver de verdade o drama? . . . Quer vê-lo estourar de verdade, como é? . . .

O DIRETOR
Oh, sim, não peço outra coisa, para tirar dele, desde agora, tudo quanto for possível.

A ENTEADA
Está bem: faça aquela mãe sair.

A MÃE *(saindo do seu pranto, com um grito)*
Não, não! Não o permita, senhor! Não o permita!

O DIRETOR
Mas é só para ver, minha senhora!

A MÃE
Eu não posso! Não posso!

O DIRETOR
Mas se tudo aconteceu! Não compreendo!

A MÃE
Não! Acontece agora, acontece sempre! O meu suplício não é fingido, senhor! Estou viva e presente, sempre, em cada momento do meu suplício que se renova, vivo e presente, sempre. Mas aqueles dois pequenos, ali — o senhor os ouviu falar? Não podem mais falar! Ainda estão agarrados a mim, para manter vivo e presente o meu suplício: mas eles, para si mesmos, não existem, não existem mais! E esta *(indica a Enteada)* fugiu, escapou-se do meu lado e perdeu-se . . . perdeu-se . . . Se agora a vejo aqui, é ainda por isso, só por isso, sempre, sempre para renovar sempre, vivo e presente, o suplício que tenho sofrido também por ela!

O PAI *(solene)*
O momento eterno, como já lhe disse, senhor! Ela *(indica a Enteada)* está aqui para agarrar-me, imobilizar-me, conservar-me enganchado e suspenso, eternamente, no pelourinho, naquele único momento, fugaz e vergonhoso, da minha vida. Não é coisa à qual ela possa renunciar, nem o senhor pode, verdadeiramente, poupar-me isso.

O DIRETOR
É claro! Não digo que não o represente; constituirá precisamente o núcleo de todo o primeiro ato, até chegar o momento em que ela os surpreende. *(Indica a Mãe.)*

O PAI
Isso mesmo, senhor. Porque é a sentença que me condena: toda a nossa paixão que deve culminar no grito final dela. *(Indica também a Mãe.)*

A ENTEADA

Ainda o tenho nos ouvidos. Aquele grito me deixou louca! O senhor pode representar-me como quiser: não importa! Até mesmo vestida, contanto que tenha, ao menos, os braços — só os braços — nus; porque, veja: estando assim *(aproxima-se do Pai e encosta a cabeça no peito dele),* com a cabeça apoiada deste modo, e os braços em volta do pescoço dele, eu via latejar uma veia aqui, no meu braço. E então, como se somente aquela veia viva me causasse nojo, cerrei os olhos, assim, assim, e afundei a cabeça no seu peito! *(Voltando-se para a Mãe)* Grite, grite, mamãe! *(Afunda a cabeça no peito do Pai e, com os ombros levantados, como para não ouvir o grito, acrescenta, com voz de sofrimento, dilacerante e sufocada)* Grite, como gritou aquele dia!...

A MÃE (correndo para separá-los)

Não! Minha filha! Minha filha! *(E depois de tê-la separado dele)* Monstro, monstro, é minha filha! Não vê que é minha filha?...

O DIRETOR *(recuando ao ouvir o grito, até à ribalta, em meio ao espanto dos Atores)*

Muito bem, sim, muito bem! E agora, pano, pano!...

O PAI *(correndo para o Diretor, excitadíssimo)*

É isso! É isso! Porque foi exatamente assim, meu senhor!

O DIRETOR *(admirado e convencido)*

Sim, sim, neste ponto, sem mais nada! Pano, Pano!...

(Aos gritos reiterados do Diretor, o Maquinista faz descer o pano, deixando do

lado de fora, diante da ribalta, o Diretor e o Pai.)

O DIRETOR *(olhando para cima, com os braços levantados)*

Mas que animal! Disse "pano", para indicar que o ato deve acabar assim; e me baixam o pano de verdade!... *(Ao Pai, levantando a beira do pano para entrar no palco)* Sim, sim, ótimo, ótimo!... Efeito seguro!... É preciso acabar assim! Garanto o êxito deste primeiro ato!... *(Entra com o Pai.)*

Ao reabrir-se o pano, vê-se que os Maquinistas e Contra-regras desmontaram aquele primeiro simulacro de cenário e puseram em seu lugar um pequeno tanque de fonte de jardim.

Num lado do palco, estão sentados, em fila, os Atores; no outro, as Personagens. O Diretor, ao centro, está de pé, com o punho fechado sobre a boca, em atitude de meditação.

O DIRETOR *(movendo-se, depois de breve pausa)*
Bem! Vamos ao segundo ato. Deixem-me, deixem-me fazer conforme combinamos e tudo vai sair ótimo!

A ENTEADA
A nossa entrada em casa dele *(indica o Pai)*, o despeito daquele ali! *(Indica o Filho.)*

O DIRETOR *(impaciente)*
Está bem. Mas repito: deixem-me fazer, a mim!

A ENTEADA
Com tal modo que se veja bem claro o seu despeito.

A MÃE (do seu lugar, meneando a cabeça)
Pelo bem que isso nos trouxe...

A ENTEADA (volta-se para ela, de repente)
Não importa! Quanto maior o mal para nós, tanto maior o remorso para ele!

O DIRETOR *(impaciente)*
Compreendi! Compreendi! E levaremos isso em conta, principalmente no início! Pode ficar certa!

A MÃE (suplicante)
Mas, por favor, faça de modo que se compreenda bem, para tranqüilidade da minha consciência, que procurei, de todas as maneiras...

A ENTEADA (interrompendo com desdém e continuando)
...aplacar-me, aconselhar-me que não lhe fosse feita semelhante afronta! *(Ao Diretor)* Faça-lhe a vontade, faça-lhe a vontade, porque é verdade. Eu me divirto muitíssimo com isso porque se pode ver, no entanto, que, quanto mais súplice ela se torna, quanto mais intenta penetrar-lhe o coração, tanto mais aquele ali se mantém distante: "au-sen-te!" Que prazer!...

O DIRETOR
Mas, afinal, começamos ou não este segundo ato?

A ENTEADA
Não falo mais! Mas veja bem que não será possível desenvolvê-lo todo no jardim, como o senhor quer.

O DIRETOR
Não será possível? Por quê?

A ENTEADA
Porque ele *(indica novamente o Filho)* está sempre fechado no seu quarto afastado! E, além disso, é preciso desenvolver dentro de casa toda a parte daquele pobre rapazinho perdido, como já lhe disse.

O DIRETOR
Sim, mas é preciso compreender também que não podemos pendurar cartõezinhos ou fazer mudanças de cena à vista, três ou quatro vezes por ato!

O PRIMEIRO ATOR
Em outros tempos, se faziam...

O DIRETOR
Sim, quando o público era talvez como aquela menina...

A PRIMEIRA ATRIZ
E a ilusão, mais fácil!...

O PAI *(levantando-se de um salto)*
A ilusão? Pelo amor de Deus! não digam "ilusão!" Não empreguem essa palavra que para nós é particularmente cruel!...

O DIRETOR *(espantado)*
Por quê?

O PAI
Sim, cruel! Cruel! O senhor devia compreender!

O DIRETOR
E como dizer então? A ilusão por criar, aqui, nos espectadores...

O PRIMEIRO ATOR
... com a nossa representação...

O DIRETOR
... ilusão de uma realidade!

O PAI
Compreendo, senhor. Entretanto, talvez o senhor não nos possa compreender. Desculpe-me! Porque, veja — aqui, para o senhor e seus atores — se trata apenas, e é natural, de seu jogo.

A PRIMEIRA ATRIZ (interrompendo, indignada)
Que jogo? Não somos jogadores nem estamos aqui para divertir-nos. Representamos a sério.

O PAI
Não nego isso. Refiro-me ao jogo da arte dos senhores, que deve dar justamente uma perfeita ilusão da realidade — como diz o senhor. *(Indica o Diretor.)*

O DIRETOR
É isso, exatamente!

O PAI
Agora, se o senhor considerar que nós, como somos *(indica a si próprio e, vagamente, as outras cinco Personagens)*, não temos outra realidade fora dessa ilusão!

O DIRETOR *(pasmo, olhando seus Atores, também pasmos)*
Mas como pode ser isso?

O PAI *(depois de tê-los observado por um momento, com um pálido sorriso)*
Assim, como é! Qual outra poderia ser? Aquela que é para os senhores uma ilusão por criar, para nós é, no entanto, a nossa única realidade. *(Breve pausa. Avança alguns passos para o Diretor e acrescenta)* E não somente para nós, acredite! Pense bem! *(Olha-o nos olhos.)* Sabe dizer-nos quem é o senhor? *(E permanece com o indicador apontado para ele.)*

O DIRETOR *(perturbado, com leve sorriso)*
Como... quem sou? Sou eu!

O PAI
E se lhe dissesse que não é verdade, porque o senhor é eu?

O DIRETOR
Responderia que o senhor é doido!

(Os Atores riem.)

O PAI
Têm razão de rir, porque aqui tudo é jogo *(ao Diretor)* e o senhor pode alegar, então, que somente por jogo aquele cavalheiro ali *(indica o Primeiro Ator)* que é

"ele", deve ser "eu", que, vice-versa, sou eu, "este". Vê como o apanhei na armadilha?...

(Os Atores tornam a rir.)

O DIRETOR *(aborrecido)*
Mas isto já se disse, ainda há pouco. Vamos recomeçar?

O PAI
Não, não. Não queria dizer isso. Ao contrário: eu o convido a sair deste jogo *(olhando a Primeira Atriz como para prevenir)* de arte! de arte! — que o senhor costuma fazer aqui, com seus atores, e pergunto-lhe de novo, seriamente: quem é o senhor?...

O DIRETOR *(voltando-se para os Atores quase embasbacado e, ao mesmo tempo, irritado)*
Oh! Mas olhem que é preciso ser muito caradura! Inculca-se como personagem e vem perguntar-me a mim quem sou!

O PAI *(digno, mas sem soberba)*
Uma personagem, senhor, pode sempre perguntar a um homem quem ele é. Porque uma personagem tem, verdadeiramente, uma vida sua, assinalada por caracteres próprios, em virtude dos quais é sempre "alguém". Enquanto que um homem — não me refiro ao senhor agora — um homem, assim, genericamente, pode não ser ninguém.

O DIRETOR
Sim, mas o senhor pergunta a mim, que sou o Diretor! O Chefe da Companhia, compreende?...

O PAI *(quase em surdina, com melíflua humildade)*
Apenas para saber se, realmente, tal como é agora, o senhor se vê... como vê, por exemplo, na distância do tempo, o que era em outra época, com todas as ilusões que então se forjava; com todas as coisas dentro e em redor de si, como então lhe pareciam — e eram, realmente, para o senhor! Pois bem! Tornando a pensar naquelas ilusões que agora o senhor não mais se forja; em todas aquelas coisas que agora não lhe "parecem" mais como "eram" para o senhor em outro tempo, não sente faltar-lhe, já não digo estas tábuas do palco, mas a própria terra, debaixo dos pés, considerando que, do mesmo modo "este", como o senhor se sente agora, toda a sua realidade de hoje, assim como é, está destinada a parecer-lhe ilusão, amanhã?...

O DIRETOR *(sem ter entendido bem, no aturdimento da capciosa argumentação)*
Bem! E que pretende concluir daí?

O PAI
Oh! Nada, senhor. Fazê-lo ver que, se nós *(indica-se e às outras Personagens)*, a não ser a ilusão, não temos outra realidade, é conveniente que o senhor também desconfie da sua realidade, desta que o senhor hoje respira e toca em si, porque — com a de ontem — está destinada a que amanhã descubra que não passa de ilusão!...

O DIRETOR *(resolvendo levar em troça)*
Ah, muito bem! E diga, ainda mais que, com esta peça que vem representar aqui, diante de mim, o senhor é mais real e verdadeiro do que eu!

O PAI *(com a máxima seriedade)*
Mas não há nisso dúvida alguma, senhor!

O DIRETOR
Ah, é?

O PAI
Julguei que o tivesse compreendido, desde o princípio.

O DIRETOR
Mais real do que eu?

O PAI
Se a sua realidade pode mudar, de hoje para amanhã...

O DIRETOR
Mas se sabe que pode mudar, é claro. Muda continuamente, como a de todos!...

O PAI *(com um grito)*
Mas a nossa, não! Está vendo? A diferença é esta! Não muda, não pode mudar, nem ser outra, jamais, porque já está fixada — assim — "esta" — para sempre — (é terrível, senhor!) realidade imutável, que devia dar-lhes um arrepio ao aproximarem-se de nós!

O DIRETOR *(de repente, pondo-se diante do Pai, com uma idéia que lhe surgiu)*
Eu queria saber, porém, quando é que se viu um personagem sair do seu papel e pôr-se a perorar assim, como o senhor está fazendo, e a propô-lo, a explicá-lo. Pode dizer-me? Eu jamais o vi!

O PAI
Jamais o viu, senhor, porque os autores costumam esconder os tormentos de sua criação. Quando os personagens são vivos, realmente vivos, diante de seu autor, este não faz outra coisa senão segui-los, nas palavras, nos gestos que, precisamente, eles lhe propõem. E é preciso que ele os queira como eles querem ser; e ai dele se não fizer isso! Quando uma personagem nasce, adquire logo tal independência, mesmo em relação ao seu autor, que pode ser imaginado por todos, em outras várias situações, nas quais o autor nem pensou colocá-lo, e adquirir também, às vezes, um significado que o autor nunca sonhou dar-lhe!

O DIRETOR
Isso eu sei!

O PAI
Então, por que se admira de nós? Imagine, para uma personagem, a desgraça que lhe contei, de ter nascido viva na fantasia de um autor que depois quis negar-lhe a vida, e diga-me se essa personagem, abandonada assim, viva e sem vida, não tem razão de fazer o que estamos fazendo nós, agora aqui, diante dos senhores, depois de tê-lo feito, durante muito tempo, creia, diante dele, para persuadi-lo, para incitá-lo, aparecendo-lhe ora eu, ora ela *(indicando a Enteada)*, ora aquela pobre mãe...

A ENTEADA (adiantando-se, como numa alucinação)
É verdade, eu também, eu também, senhor, para tentá-lo, tantas vezes, na melancolia daquele escritório, ao cair do crepúsculo, quando ele, reclinado numa pltrona, não ti-

nha ânimo de decidir-se a dar volta ao interruptor da luz e deixava a sombra invadir a sala e que aquela sombra se agitasse conosco que íamos tentá-lo... *(Como se ainda se visse lá, naquele escritório, e a presença dos Atores a aborrecesse.)* Se todos os senhores fossem embora! Se nos deixassem sós! Mamãe com aquele filho — eu com aquela menina — aquele rapaz, sempre só — em seguida, eu com ele *(indica o Pai)* e depois eu só, só... — naquela sombra... *(De repente, num salto, como se quisesse agarrar-se à visão que tem diante de si mesma, resplandecente naquela sombra e viva.)* Ah! Minha vida! Que cenas, que cenas íamos propor-lhe! Eu o tentava mais do que todos eles...

O PAI

Sim, mas talvez tenha sido por culpa sua, justamente, por sua exagerada insistência, por seus demasiados descomedimentos!

A ENTEADA

Qual nada! Se foi ele mesmo que me quis assim! *(Aproxima-se do Diretor para dizer-lhe confidencialmente)* Eu creio, senhor, que foi antes por desânimo ou por desdém do teatro, tal como o público habitualmente o vê e o quer...

O DIRETOR

Bem, bem, vamos adiante, vamos adiante, por Deus! Cheguemos aos fatos, meus senhores!

A ENTEADA

Eh! Com licença, acho que, em matéria de fatos, o senhor já tem bastantes, com a nossa entrada em casa dele.

(Indica o Pai.) Disse que não podia pendurar cartõezinhos, nem mudar de cena cada cinco minutos!

O DIRETOR

Sim, é claro! É preciso combiná-los, agrupá-los numa ação simultânea e densa; e não, como pretende a senhora, que quer ver primeiro seu irmãozinho que volta da escola e anda como uma sombra pelas peças da casa, esconde-se atrás das portas para meditar um projeto em que — como foi mesmo, que a senhora disse?...

A ENTEADA

... se dessubstancia, senhor, se dessubstancia todo!

O DIRETOR

Nunca ouvi semelhante palavra! Está bem: "crescendo só nos olhos", não é isso?...

A ENTEADA

Sim, senhor. Ali está ele. *(Mostra-o junto à Mãe.)*

O DIRETOR

Muito bem! E, ao mesmo tempo, queria também aquela menina que brinca, alheia a tudo, no jardim. Um em casa, e a outra no jardim... é possível?...

A ENTEADA

Ah! No sol, senhor. Feliz! É minha única recompensa, a sua alegria, a sua festa, naquele jardim; livre da miséria, da desolação de um horrível quarto onde dormíamos todos os quatro — e eu, com ela — eu, imagine! com o horror do meu corpo contaminado, junto dela, que me apertava forte, forte, com seus bracinhos amorosos e ino-

centes. No jardim, assim que me via, corria para segurar-me a mão. As flores grandes, não as via: punha-se, porém, a descobrir as "pititinhas, pititinhas", e queria que eu as visse, fazendo uma festa, numa alegria imensa. *(Dizendo isso, dilacerada pela recordação, rompe num choro longo, desesperado, deixando cair a cabeça nos braços abandonados sobre a mesinha.)*

(A comoção apodera-se de todos.)

O DIRETOR *(aproxima-se dela, quase paternalmente, e diz, para consolá-la)*
Faremos o jardim, faremos o jardim, pode estar certa, e vai ficar satisfeita! Reuniremos as cenas ali. *(Chamando pelo nome um Empregado do palco.)* Ó..., desça-me uns rompimentos de árvores! Dois ciprestezinhos aqui diante desta fonte!

(Vêem-se descer do alto do palco dois ciprestezinhos. O Maquinista acode para pregá-los no chão.)

O DIRETOR *(à Enteada)*
Fica assim, mais ou menos, por enquanto, para dar uma idéia. *(Torna a chamar pelo nome o Empregado.)* Ó..., desça-me, agora, um pouco de céu!

O EMPREGADO *(lá de cima)*
O quê?...

DIRETOR
Um pouco de céu! Um fundo pequeno, que caia aqui, atrás da fonte!

(Vê-se descer, do alto do palco, um telão branco.)

O DIRETOR
Branco, não. Eu pedi céu! Não faz mal, deixe; eu arranjo. *(Chamando)* Ó eletricista, apague tudo e dê-me um pouco de luar... de luz... azul, nas gambiarras... e azul, no telão, com o refletor! Assim! Basta!

(De suas ordens resultou um misterioso cenário lunar, que induz os Atores a moverem-se e a falar como se estivessem, à noite, num jardim sob a lua.)

O DIRETOR *(à Enteada)*
Aí está, veja! E agora o rapazinho, em vez de esconder-se atrás das portas dos quartos, poderá andar aqui no jardim, escondendo-se atrás das árvores. Mas a senhora tem de compreender que vai ser difícil encontrar uma menina que faça bem a cena com a senhora, quando lhe mostra as florzinhas!... *(Voltando-se para o Rapazinho)* Venha, venha cá! Vamos ver se concretizamos um pouco! *(Vendo que o rapazinho não se move)* Venha, venha! *(Depois, trazendo-o para a frente e procurando fazer com que mantenha a cabeça levantada, que ele, cada vez, baixa mais)* Puxa! Também este rapazinho é um belo trambolho! Mas, como é? Meu Deus!... Seria necessário que dissesse ao menos alguma coisa!... *(Aproxima-se dele, põe-lhe a mão no ombro e o leva para trás dum rompimento de árvore.)* Venha, venha cá, um pouco; deixe-me ver... Esconda-se aqui... Assim... Ponha a cabeça um pouco de fora, para espiar... *(Afas-*

ta-se para ver o efeito; e, assim que o Rapazinho executa a ação, em meio do espanto dos Atores que ficam impressionadíssimos, aprova.) Ah! Ótimo, ótimo... *(Voltando-se para a Enteada)* E que lhe parece, se a Menina, surpreendendo-o assim, a espiar, corresse até ele e lhe arrancasse ao menos algumas palavras?...

A ENTEADA (pondo-se de pé)
Não espere que fale, enquanto aquele estiver aqui! *(Indica o Filho.)* Seria necessário primeiro que o senhor o mandasse embora.

O FILHO *(indo firme para uma das escadinhas)*
Pois não! Imediatamente! Com o maior prazer! Não peço outra coisa!...

O DIRETOR *(rápido, detendo-o)*
Não! Aonde vai?... Espere!...

(A Mãe levanta-se, angustiada pelo pensamento de que ele vá embora de verdade e ergue os braços, instintivamente, como para retê-lo, sem sair, porém, de seu lugar.)

O FILHO *(chegado à ribalta, ao Diretor que o detém)*
Não tenho absolutamente nada que fazer aqui! Deixe-me ir, peço-lhe, deixe-me ir!...

O DIRETOR
Como é que não tem nada que fazer?

A ENTEADA (calmamente, com ironia)
Não o detenha! Ele não vai!

O PAI
Deve representar a terrível cena do jardim, com sua mãe!

O FILHO *(rápido, resoluto, altivo)*
Não represento coisa nenhuma! Já o declarei, desde o princípio. *(Ao Diretor)* Deixe-me ir!...

A ENTEADA (correndo, ao Diretor)
Dá licença, senhor?... *(Fá-lo abaixar os braços que detinham o Filho.)* Deixe-o! *(Depois, voltando-se para ele, mal o Diretor o deixa)* Pois bem, vá embora!

(O Filho dirige-se para a escadinha, mas, como retido por um poder oculto, não pode descer os degraus. Depois, em meio ao estupor e o espanto ansioso dos Atores, move-se lentamente ao longo da ribalta, em direção da outra escadinha; chegado ali, porém, fica também inclinado, sem poder descer.)

A ENTEADA (que o seguiu com os olhos, em atitude de desafio, desata a rir)
Não pode, está vendo? Não pode! Deve ficar aqui à força, amarrado à corrente, indissoluvelmente! Mas, se eu, que levanto vôo, senhor, quando acontece o que deve acontecer — justamente pelo ódio que sinto por ele, justamente para não vê-lo mais diante de mim — se eu estou ainda aqui e suporto a sua presença e a sua companhia — imagine o senhor se ele pode ir embora, ele que deve, deve ficar aqui, de verdade, com este seu belo pai e aquela mãe ali, que não tem outros filhos a não ser ele... *(À Mãe)* E vamos, vamos mamãe! Venha... *(Voltando-se para o Diretor a fim de mostrar-lha)* Veja

só! Tinha se levantado, tinha se levantado para detê-lo... *(À Mãe, quase atraindo-a por virtudes mágicas)* Venha, venha... *(Depois, ao Diretor)* Imagine que ânimo pode ela ter para mostrar aqui, aos seus atores, o que sente; mas é tamanha a sua ansiedade por aproximar-se dele que — aí a tem! — vê? — está disposta a viver a sua cena!

(Efetivamente, a Mãe se aproxima e, assim que a Enteada acaba de dizer as últimas palavras, abre os braços para significar que consente.)

O FILHO *(rápido)*
Ah, mas eu, não! Eu, não! Se não posso ir embora, ficarei aqui, mas repito-lhe que não represento nada!...

O PAI *(ao Diretor, exaltado)*
Mas, o senhor pode obrigá-lo!...

O FILHO
Ninguém pode obrigar-me!...

O PAI
Eu o obrigarei!...

A ENTEADA
Esperem, esperem! Primeiro, a Menina, na fonte! *(Corre para apanhar a Menina, abaixa-se, dobrando os joelhos diante dela e toma-lhe o rostinho entre as mãos.)* Pobre amorzinho meu, você olha, perdida, com esses olhões tão lindos... Quem sabe onde pensa que está? Estamos num palco, minha querida. Que é um palco?... Pois — está vendo? — é um lugar onde se brinca a sério, onde

se fazem peças. E nós vamos fazer, agora, uma peça. A sério, sabe? Você também... *(Abraça-a, apertando-a ao peito e embalando-a um pouco.)* Ah, meu amorzinho, meu amorzinho, que peça feia você vai fazer! Que coisa horrível pensaram para você! O jardim, a fonte... É fingida, é claro! O mal é esse, querida, que aqui tudo é fingido! Mas talvez você goste mais de uma fonte fingida do que uma verdadeira, para poder brincar, não é? Para os outros será um jogo, mas não para você, infelizmente, que é uma menina verdadeira, amorzinho, e que brinca de verdade, numa fonte verdadeira, linda, grande, verde, com tantos bambus que fazem sombra, refletindo-se nela, e tantos, tantos patinhos que nadam, quebrando aquela sombra. Você quer agarrar um desses patinhos... *(Com um grito que enche todos de espanto)* Não, minha Rosinha, não! Mamãe não se importa com você, por causa daquele canalha de filho! Eu estou com todos os meus demônios na cabeça... E aquele ali... *(Deixa a Menina e volta-se para o Rapazinho, na forma habitual.)* Que está fazendo aqui, sempre com esse ar de mendigo? Será também por sua causa, se aquela menina se afoga; por esse seu modo de ficar asim, como se eu, fazendo-os entrar em casa, não tivesse pago por todos. *(Agarra-o por um braço para obrigá-lo a tirar a mão do bolso.)* Que tem aí? Que está escondendo? Tire para fora, tire para fora essa mão! *(Arranca-lhe a mão do bolso e, com horror de todos, descobre que ela empunha um revólver. Olha-o um pouco como se estivesse satisfeita e diz depois, sombria)* Ah! Onde, como foi que o arranjou? *(E vendo que o Rapazinho, amedrontado, sempre com os olhos arregalados e vazios, não responde)* Bobo, se eu fosse você, em vez de matar-me, mataria um daqueles dois ou os dois: o pai e o filho! *(Leva-o para trás*

do cipreste, de onde estava a espiar; toma depois a Menina e a põe dentro da fonte, fazendo-a deitar, de modo que fique oculta. Finalmente, deixa-se cair ali, com o rosto entre os braços apoiados no rebordo da fonte.)

O DIRETOR
Muito bem! *(Dirigindo-se ao Filho)* E, ao mesmo tempo...

O FILHO *(com desdém)*
Que ao mesmo tempo! Não é verdade, senhor! Não houve cena alguma, entre mim e ela. *(Indica a Mãe.)* Faça com que ela mesma lhe diga como foi.

(Entretanto, a Segunda Atriz e o Galã apartaram-se do grupo dos Atores e puseram-se a observar, com muita atenção, a Mãe, que está na sua frente, e o Filho, para poderem, depois, representar seus papéis.)

A MÃE
Sim, é verdade, senhor. Eu tinha entrado no quarto dele.

O FILHO
No meu quarto, compreendeu? Não no jardim!

O DIRETOR *(ao Galã e à Segunda Atriz)*
Está bem. Saiam da frente deles.

O FILHO
É inútil. Eu não me presto!

O DIRETOR
Fique calado agora, e deixe-me ouvir sua mãe. *(À Mãe)* Então? Tinha entrado?...

A MÃE
Sim, senhor, no quarto dele, não podendo resistir mais. Para esvaziar-me o coração de toda a angústia que me oprimia. Mas, assim que ele me viu entrar...

O FILHO
... nenhuma cena. Saí, saí, para não fazer uma cena. Porque nunca fiz cenas, compreendeu?...

A MÃE
É verdade! É assim! É assim!

O DIRETOR
Mas é preciso fazê-la agora, essa cena entre ela e ele.

A MÃE
Por mim, senhor, aqui estou! Oxalá me desse o senhor o modo de poder falar-lhe um momento, de poder dizer-lhe tudo o que tenho no coração.

O PAI *(aproximando-se do Filho, violentíssimo)*
Você vai fazê-la, por sua mãe, por sua mãe!

O FILHO (mais firme que nunca)
Não faço nada!...

O PAI *(agarrando-o pelo peito e sacundindo-o)*
Por Deus, obedeça! Não ouve como lhe fala? Não tem entranhas de filho?...

O FILHO *(agarrando-o também)*
Não, não e não! E acabemos com isto, duma vez por todas!

(Comoção geral.)

(A Mãe, aterrorizada, procura interpor-se para separá-los.)

A MÃE
Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus!...

O PAI *(sem largá-lo)*
Deve obedecer! Deve obedecer!...

O FILHO *(lutando com ele e, por fim, jogando-o ao chão, perto da escadinha, com horror de todos)*
Mas que frenesi é esse que lhe deu? Não tem pudor de trazer, diante de todos, a sua vergonha e a nossa? Eu não me presto! Não me presto! E interpreto, assim, a vontade daquele que não quis trazer-nos para a cena!

O DIRETOR
Mas se vieram!...

O FILHO *(apontando para o Pai)*
Ele. Eu, não!

O DIRETOR
E você também não está aqui?

O FILHO
Foi ele que quis vir, arrastando-nos a todos e prestando-se até a combinar lá, junto com o senhor, não só o que realmente aconteceu, mas, como se não bastasse, o que nunca se passou!...

O DIRETOR
Mas diga, diga você ao menos o que se passou! Diga-o a mim! Saiu do seu quarto, sem dizer nada?...

O FILHO *(hesitando)*
Nada. Precisamente para não fazer uma cena.

O DIRETOR *(instigando)*
Bem, e depois? Que fez?

O FILHO *(em meio à angustiosa atenção de todos, andando alguns passos pelo proscênio)*
Nada... Atravessando o jardim... *(Interrompe-se, sombrio, absorto.)*

O DIRETOR *(incitando-o cada vez mais a falar, impressionado pela sua reserva)*
Atravessando o jardim...?

O FILHO *(exasperado, escondendo o rosto com um braço)*
Mas por que quer fazer-me falar, senhor? É horrível!

(A Mãe treme toda, com gemidos sufocados, olhando para a fonte.)

O DIRETOR *(baixo, percebendo aquele olhar, volta-se para o Filho, com crescente apreensão)*
A menina?...

O FILHO *(olhando para a frente, na sala)*
Lá, na fonte...

O PAI *(arrasado, indicando piedosamente a Mãe)*
E ela o seguia, senhor!

O DIRETOR *(ao Filho, com ansiedade)*
E então, você?...

O FILHO *(lentamente, olhando para diante de si)*
Acudi, precipitei-me para tirá-la de lá... Mas, de repente, parei, porque atrás daquelas árvores vi uma coisa que me gelou: o Rapazinho, o Rapazinho que estava ali, quieto, com olhos de louco, a olhar, na fonte, a irmãzinha afogada.

(A Enteada, que permaneceu curvada junto da fonte para ocultar a Menina, responde com um eco do fundo, soluçando perdidamente.)

(Pausa.)

Tratei de aproximar-me; e, então...

(Atrás das árvores, onde o Rapazinho estava encondido, reboa um tiro de revólver.)

A MÃE (com um grito lancinante, correndo com o Filho e todos os Atores, em meio ao tumulto geral)
Filho! Meu filho! *(Depois, entre a confusão e os gritos desconexos dos outros)* Socorro!... Socorro!...

O DIRETOR *(em meio aos gritos, procurando abrir caminho, enquanto o Rapazinho é levantado pelos pés e pela cabeça e levado para fora, por trás do telão branco)*
Feriu-se? Feriu-se, de verdade?...

(Todos, exceto o Diretor e o Pai, que permanece arrasado perto da escadinha, saíram por trás do telão descido, que faz de céu, e ficam lá um momento, murmurando augustiosamente. Depois, por um e por outro lado do telão, voltam à cena os Atores.)

A PRIMEIRA ATRIZ (entrando pela direita, penalizada)
Morreu! Pobre menino! Morreu! Oh! Que coisa, meu Deus!...

O PRIMEIRO ATOR *(entrando pela esquerda, rindo)*
Morto o quê! Ficção, ficção! Não acredite!...

OUTROS ATORES *(pela direita)*
Ficção? Realidade! Realidade! Está Morto!

OUTROS ATORES *(pela esquerda)*
Não! Ficção! Ficção!...

O PAI *(levantando-se e gritando entre eles)*
Mas que ficção! Realidade, realidade, senhores! Realidade!... *(E sairá também, desesperadamente, por trás do telão.)*

O DIRETOR *(não podendo conter-se)*
Ficção, realidade! Vão todos para o diabo que os carregue! Luz! Luz! Luz!

(De repente, todo o palco e toda a sala do teatro resplandecem, inundados por vivíssima luz. O Diretor respira, como libertado de um pesadelo, e todos se olham nos olhos, atônitos e confusos.)

Ah! Jamais me tinha acontecido coisa semelhante! Fizeram-me perder o dia! *(Olha o relógio.)* Podem ir, podem ir. Que mais querem fazer agora?... Muito tarde para recomeçar o ensaio. Até logo à noite!...

(E, apenas os Atores terão saído cumprimentando-o.)

Ó eletricista, apague tudo!...

(Não acaba de dizê-lo e o teatro cai na mais densa escuridão.)

Eh, que é isso?... Deixem-me acesa ao menos uma lâmpada, para ver onde ponho os pés!...

De repente, por trás do telão branco, como por erro de ligação, acende-se um refletor verde, que projeta, grandes e destacadas, as sombras das Personagens, excetuadas a do Rapazinho e a da Menina. O Diretor, ao vê-las, foge do palco, espavorido. Ao mesmo tempo, apaga-se o refletor por trás do telão branco, e o palco torna a iluminar-se como azul noturno de antes.

Lentamente, pelo lado direito do telão, adiantam-se, primeiro, o Filho, seguido pela Mãe, com os braços estendidos para ele; logo, o Pai, pelo lado esquerdo. Detêm-se no meio do palco, como formas de alucinações. Vem, por último, a Enteada, pela esquerda, correndo em direção de

uma das escadinhas, pára um momento no primeiro degrau, a olhar os outros três, e solta uma gargalhada estridente, descendo logo, apressadamente. Corre através do corredor. Detém-se, mais uma vez, e torna a rir, olhando os três que ficaram lá em cima. Desaparece da sala e torna a rir ainda, ouvindo-se, desde o foyer, *a sua risada. Pouco depois desce o pano.*